

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Natália Machado de Medeiros

**CARTOGRAFANDO POSSÍVEIS TERAPIAS OCUPACIONAIS NA  
AMÉRICA LATINA EM INTERFACE COM OS FEMINISMOS  
DECOLONIAIS**

Santa Maria, RS  
2022

**Natália Machado de Medeiros**

**CARTOGRAFANDO POSSÍVEIS TERAPIAS OCUPACIONAIS NA AMÉRICA  
LATINA EM INTERFACE COM OS FEMINISMOS DECOLONIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Andrea do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria, RS  
2022

**Natália Machado de Medeiros**

**CARTOGRAFANDO POSSÍVEIS TERAPIAS OCUPACIONAIS NA AMÉRICA  
LATINA EM INTERFACE COM OS FEMINISMOS DECOLONIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

**Aprovado em 18 de fevereiro de 2022:**

---

**Andréa do Amparo Carotta de Angeli, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Monalisa Dias de Siqueira, Dr<sup>a</sup>. (UNIPAMPA)**  
(Comissão Examinadora)

---

**Luana Ramalho Martins. (UFSM)**  
(Comissão Examinadora)

Santa Maria, RS  
2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à *Mãe Yansã*, que me permitiu ser ventania.

E, agradeço a *Mamãe Oxum*, que me mostrou os momentos certos de se deixar as lágrimas lavarem o que não cabia mais.

Agradeço imensamente

às muitas mãos, do passado e presente, que me seguraram firmemente.

às do futuro, espero estar segurando-as agora.

Agradeço à minha família, principalmente à Elizete Machado de Medeiros, minha mãe, mulher negra, que nunca deixou de demonstrar afeto e incentivo.

Agradeço aos encontros incríveis com pessoas que alimentaram minha alma e *orí*, na luta pela defesa de Terapias Ocupacionais outras.

Vamos juntas!

*Eu sou muitas.*  
(Diário de campo, 2022)

## RESUMO

### **CARTOGRAFANDO POSSÍVEIS TERAPIAS OCUPACIONAIS NA AMÉRICA LATINA EM INTERFACE COM OS FEMINISMOS DECOLONIAIS**

AUTORA: Natália Machado de Medeiros

ORIENTADORA: Andrea do Amparo Carotta de Angeli

Este trabalho apresenta um estudo cartográfico acerca das expressões do feminino nos caminhos das Terapias Ocupacionais na América Latina, em especial no Brasil, em uma perspectiva decolonial. Por meio deste, busca-se salientar a importância e fomentar discussões críticas, através de temas como feminismos, eurocentrismo, capitalismo e colonialidade; novas formas e tessituras acerca da invisibilidade da Terapia Ocupacional na América Latina, com enfoque no contexto brasileiro, considerando que a maioria dos profissionais são pessoas lidas socialmente como mulheres. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, uma vez que busca analisar a complexidade de fenômenos referentes ao tema apresentado, sem universalizar dados, respeitando particularidades e singularidades dos signos e modulações captadas em todos os momentos da pesquisa. A coleta/produção de dados dar-se-á via publicações em revistas latino-americanas de Terapia Ocupacional dentre os últimos 6 anos (2015-2021). A análise do material dar-se-á através da abordagem qualitativa exploratória em interface com o método cartográfico, que não dicotomiza teoria e prática, mas trata-as como uma experimentação concreta sobre dada realidade ou contexto que pretende engajar-se; também, pontos que serão elaborados no percurso na forma de palavras, cenas ou até conceitos que sirvam como intercessores para dar visibilidade e dizibilidade às linhas de força. Por fim, salienta-se o desejo de intuir a abertura de linhas para possíveis continuidades de construções críticas do pensamento referente ao tema apresentado, além de construir ideias conjuntas de como tecer terapias ocupacionais do sul desde práticas cotidianas e feministas.

**Palavras-chave:** Terapias Ocupacionais do Sul. Epistemologias Feministas. Decolonialidade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
2.1 CORPO NÃO-NEUTRO-NÃO-COLONIZADOR.....	12
2.2 (RE)CONHECER-SE.....	14
2.3 C O M P O S I Ç A ~ O .....	16
<b>3 ABRIR CAMINHOS - RITO DE PASSÁ.....</b>	<b>17</b>
3.1 ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS DO CAMINHAR.....	18
<b>4 UM CORPO SITUADO E COM CARAS.....</b>	<b>20</b>
4.1 DO CORPAR MULHER-LATINA.....	22
4.2 INTERSEÇÕES - VARIAÇÕES NOS JOGOS DE FORÇAS.....	30
<b>4.2.1 Encontros que fazem desaguar.....</b>	<b>37</b>
<b>5 SOBRE DECOLONIZAR CORPOS-SUJEITAS-SENTIRES.....</b>	<b>42</b>
5.1 ESCRITA COMO PONTO DE FORÇA.....	49
<b>6 JORNADA DO 0 - GESTANDO CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Semeados e paridos por um ventre feminino, como a dualidade universal insiste em nos denominar; nasce o homem. O homem, substantivo que aprendi aos meus tantos e poucos anos nas aulas de biologia, acho eu, que significa a humanidade, quando dirigida a esta as palavras e ideias. Sempre me indagava mentalmente, ingenuamente e silenciosamente quando ouvia tal substantivo: Qual homem? O homem ou a humanidade?

Depois de um tempo, percebi que nessa pergunta que sempre ecoava nunca teve espaço para pensar sobre a mulher, o feminino, o segundo sexo, o sexo frágil, as moças... elas são tão delicadas, né? Então “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (BEAUVOIR, 1949, p. 10).

Cresço, em uma cidade pequena e conservadora, agora posso vê-la e denominá-la assim. Tímida, fala mansa e baixa, raramente ouvida, literalmente. Rio alto, mas, buscava sempre me controlar. “Quem ri alto é puta<sup>1</sup>!” diziam por aí.

Os próximos, sempre acharam engraçado o fato de eu não saber gritar, sabe? GRITAR! Então, eu realmente não sei, desse modo. A minha relação com o gritar é distinta. Eu grito e grito muito, principalmente, perante as injustiças que atravessam o cotidiano feminino. Mas, o que é o feminino? Quem são as mulheres? Beauvoir (1967, p. 9) diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Penso que mulheres são corpos políticos atravessados pela discriminação do patriarcado, do sexismo, da misoginia, do racismo, da transfobia. Excluídas das relações de poder, que ainda são um âmbito de domínio masculino. O masculino todos sabem o que é, afinal, são historicamente os detentores dos instrumentos de poder na sociedade pela perspectiva da colonialidade.

De maneira quente, firme e situada, como mulher latino-americana, penso: Que lugar de fala temos como terapeutas ocupacionais, observando que esta profissão foi e é constituída pelas diferentes formas de expressão do feminino, e

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário Online de Português, com sentido pejorativo, é aquela que não tem pudor, libertina ou despudorada.



mais, em um país da América do Sul? Que é lugar de fala? Como falar o que é a Terapia Ocupacional diante de uma sociedade misógina, colonizada e que não nos ouve?

Resumindo, parafraseando Mulamba<sup>2</sup>: “Agora a mulherada, tá ficando embucetada<sup>3</sup>!!!”

### *Inspiro.*

Reflito sobre o que move meu desejo. Acredito que o que foi citado acima exemplifica muito bem esses pensamentos com a urgência de deixá-los visíveis. Eu vou falar. Falar sobre as problemáticas que atravessam um corpo dito como feminino, que ainda é visto cotidianamente como subalterno, juntamente, com as problemáticas que os termos estudados para iniciar essa discussão comigo mesmo, reverberaram, transformaram e (co)produziram trajetórias anteriormente desconhecidas. Um corpo que se constitui terapeuta ocupacional.

Ademais, torna-se imprescindível a discussão acerca da construção desses conceitos dicotomizados e binários, como feminino e masculino, sem descartar sua importância nas articulações que esse corpo trás. Trata-se de analisar os jogos de força que estão postos para analisar as diferentes efetuações mulher, terapeuta em formação, dando passagem às sensações, sentimentos e modulações... externas e internas.

### *Expiro.*

#### *Somo posições.*

Constituindo condições para lidar com os jogos de força que se presentificam no ato de escrever, termino de dedilhar no teclado, começo a mover meu corpo na tentativa de ajustar posições confortáveis no ato de sustentá-lo sobre os quadris.

---

<sup>2</sup> Banda brasileira de rock e MPB formada em 2015. Composta somente por mulheres, incluindo equipe, que discute através das letras a violência contra mulher, machismo, empoderamento feminino e questões de gênero, dentre outros.

<sup>3</sup> Figura de linguagem usada na letra da música “Espia, escuta” que denota empoderamento feminino. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=CgU3Fcf7m1E&ab\\_channel=MulambaOficial](https://www.youtube.com/watch?v=CgU3Fcf7m1E&ab_channel=MulambaOficial)>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Percebo esses movimentos e ondas que minhas águas internas são provocadas a fazer, olhando no espelho que está logo à minha frente. É hora de mover gestos, células, músculos e ideias. Somo posições, movendo e deslocando meu corpo, na tentativa de sentir outras sensações corporais que podem acessar outros espaços e sentires; produzo uma posição de afirmar? Logo, penso: há como tecer ajustes confortáveis na discussão que aqui proponho, à medida que águas e lamas serão desembocadas simultaneamente? Flutuantes? É a incerteza do criar, explorar, sentir, que me faz progredir no dedilhar do teclado.

É importante ressaltar que, o colonialismo é a experiência histórica e colonialidade é a lógica pelo qual o poder funciona até os dias atuais. Dessa forma, a colonialidade construiu e segue construindo corpos e vidas que negligenciam sua própria origem e naturalidade, esse é um dos destroços do colonialismo que considero mais potente: como, nas ínfimas nuances do cotidiano, nós reproduzimos esta auto violência, inconscientemente e constantemente? Pois, todo controle do sexo, subjetividade, autoridade e trabalho, são expressos em conexão com a colonialidade. (LUGONES, 2008).

Dessa forma, é notório que a categoria sexo, bem como gênero, são impostas como tantas outras questões, e imputadas de forma impositiva e violenta, tornando-se um importantíssimo aspecto da relação de poder e dominação sobre os corpos. Estigmatizando e destruindo qualquer singularidade que tenha tons de fuga dessa lógica de corporalidade hetero e binária.

Então, é urgente que busquemos nos atentar e adentrar nessas questões nas Terapias Ocupacionais latino-americanas. Precisamos conhecer nossas histórias narradas, desde aqui.

## **2 METODOLOGIA**

A proposta dessa pesquisa foi inicialmente desnudar questões acerca do machismo no âmbito da prática profissional, na relação com o outro, porém, me deparei com o machismo e racismo introjetados em mim. Assim, na construção desta pesquisa, que se deu de forma cartográfica, tomou-se a experiência da

pesquisadora de formação como terapeuta ocupacional/pessoa no mundo descrita nos diários de campo, e também, as observações das práticas profissionais observadas e descritas em textos, apresentações, lives dentre outros, igualmente registradas em diários, como matéria e campo de imersão do trabalho.

Cartografar, “em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção” (KASTRUP, 2009, p. 32), e isso implica em uma atenção à espreita<sup>4</sup> referente àquilo que se pretende explorar. Busco por novas (ou reencontrá-las) tessituras de debates acerca da invisibilidade e potência das Terapias Ocupacionais na América Latina, principalmente, no contexto brasileiro; bem como, fomentar discussões acerca do feminismo hegemônico branco e europeu, em analogia com a decolonialidade.

O método cartográfico abre possibilidades de subverter a lógica da ciência moderna em analogia com o paradigma ocidental; uma vez que, a ciência moderna tem como objetivo geral representar a verdade ou um verdadeiro objeto, que logo será considerado uma norma universal dando espaço a ideia hegemônica de que “fazer ciência” requer uma boa dose de neutralidade.

Dessa forma, “a ciência moderna inventa práticas de produção do conhecimento capazes de fazer desaparecer sua origem inventiva sob o manto da descoberta científica” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 55), promovendo cada vez mais o distanciamento do pesquisador do objeto que está sendo estudado.

Destacando que, neutralidade e subjetividade não são ideias opostas, logo, discute-se que o sujeito que pesquisa carrega consigo bagagens e marcas importantes de um corpo situado culturalmente e politicamente, não sendo possível então, supor essa neutralidade que desconsidera os conhecimentos corporificados de quem pesquisa. Logo, os encontros na pesquisa produzem essa intersubjetividade, à medida que as afetações são correlacionadas entre signos e pessoas envolvidas nas relações com o outro, na compreensão da diferença de corpos, pessoas, culturas, etnias, baseadas na alteridade.

---

<sup>4</sup> Diz respeito a atenção cartográfica - flutuante, concentrada e aberta – “que busca inibir a atenção seletiva que é recorrente e dominante do pensamento. Precisa ser construída como uma política cognitiva do cartógrafo”. (KASTRUP, 2009, p. 48).

## 2.1 CORPO NÃO-NEUTRO-NÃO-COLONIZADOR

Então, entendo o cartografar como um ato político. Partindo do viés da não-neutralidade e, considerando assim, as marcas que meu corpo e minha subjetividade carregam; cartografar é validar e afirmar meus lugares no mundo. E isso é o que o colonizador não deseja, e teme.

Quijano (2005) fala sobre como há um raciocínio de funcionamento e produção de uma forma de conhecimento e de pensar que se sobrepõem sobre as demais, demonstrando, assim, um padrão mundial de categorias como moderno/colonial, capitalista e eurocentrado. Aqui, a perspectiva do eurocentrismo não trata apenas ao entendimento da Europa em sua totalidade territorial e temporal, mas sim, de uma

Específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo. (QUIJANO, 2005, p.126).

Dessa forma, cartografar para mim, é decolonizar a minha escrita, e aos poucos, os meus sentires, para buscar sustentar outras perspectivas e modos de vida e pensar as Terapias Ocupacionais críticas na América Latina. Como diz Dandara, “com fé no que sei e no que não sei, no que sou e no que serei, sigo hoje forte, mais do que ontem.”<sup>5</sup>

É importante ressaltar que, a perspectiva decolonial não é uma ideologia que estabelece formas rígidas de pensar, agir, pesquisar. O pensamento decolonial tem sustentação basilar com o ato de abrir caminhos para valorizar, reconhecer, legitimar e respeitar culturas, povos, etnias, hábitos, epistemologias; que desde o período colonial foram segregadas e dizimadas pelo modo universal de se pensar a vida.

---

<sup>5</sup> Dandara Manoela. Minha Prece. **Retrato Falado**. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=1OeWYCrz1kg&ab\\_channel=DandaraManoela-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=1OeWYCrz1kg&ab_channel=DandaraManoela-Topic)>. Acesso em: 18 nov. 2021.

Busca-se nas movências da vida, a decolonização, ou seja, rever premissas tidas como universais e olhar para outros modos de produzir vida. Por isso, por desconstruir padrões que se pressupõem verdades sobre o olhar e viver, a decolonialidade “não é isenta de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas.” (QUINTERO, P; FIGUEIRA, P; ELIZALDE, P. C; 2019, p. 4).

Então, seguindo o pensar junto a Quintero, Figueira e Elizarde (2019, p. 5), há pontos importantes que se encontram e devem ser revisitados nos estudos decoloniais

Esses procedimentos conceituais são: 1. A localização das origens da modernidade na conquista da América e no controle do Atlântico pela Europa, entre o final do século 15 e o início do 16, e não no Iluminismo ou na Revolução Industrial, como é comumente aceito; 2. A ênfase especial na estruturação do poder por meio do colonialismo e das dinâmicas constitutivas do sistema -mundo moderno/ capitalista e em suas formas específicas de acumulação e de exploração em escala global; 3. A compreensão da modernidade como fenômeno planetário constituído por relações assimétricas de poder, e não como fenômeno simétrico produzido na Europa e posteriormente, estendido ao resto do mundo; 4. A assimetria das relações de poder entre a Europa e seus outros representa uma dimensão constitutiva da modernidade e, portanto, implica necessariamente a subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados; 5. A subalternização da maioria da população mundial se estabelece a partir de dois eixos estruturais baseados no controle do trabalho e no controle da intersubjetividade; 6. A designação do eurocentrismo/ocidentalismo como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade.

Na concepção de Eduardo Passos e Regina de Barros (2009, p. 17) “a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos”. Porém, não significa que não há pistas, atenções e planejamento no percurso. Ao contrário, é preciso sensibilizar-se pelo toque do inesperado, do desconhecido, dos ventos que sopram... para conseguir o impulso necessário para captar modulações, jogos de força, trajetos e metas que o corpo e pesquisa cartográfica co-emergem. O desafio aqui “é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método.” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

Seguindo essa analogia e pista crítica, no cartografar é preciso experimentar a experimentação, mergulhar no plano do conhecimento, bem como “[...] fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas.” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30). Pois, à medida que o cartógrafo é tocado por essa sensibilidade do rastreio da pesquisa, os trajetos mudam a todo momento, estando o cartógrafo imerso nessa experiência através da processualidade e da produção de dados. Não há como distanciar-se do objeto estudado. Não há como apontar neutralidade. Há como decolonizar, e falar desde aqui para as daqui.

No plano de imanência desta pesquisa co-existiram os diários de campo da pesquisadora, os devaneios, as sensações, os pensamentos oriundos das leituras, bem como, os textos teóricos oriundos do levantamento bibliográfico. Assim, a produção de dados da pesquisa contou com diários de campo e com diários de estudos bibliográficos - construídos de forma muito artesanal e sensível - esse constituído principalmente por artigos em periódicos, livros e materiais diversos disponíveis na internet.

Por fim, também utilizou-se da arte e da vivacidade cotidiana em muitos momentos, para dar respiro, fôlego e tessituras, como poesias de mulheres negras brasileiras, canções do rap nacional e de artistas negras e negros, ilustrações e documentários.

## 2.2 (RE)CONHECER-SE

Logo, a análise do material se deu pelo reconhecimento de pontos que possam dar visibilidade à questão inicial enunciada como objetivo geral. Pontos que serão elaborados no percurso na forma de palavras ou cenas ou até mesmo conceitos que sirvam como intercessores para dar visibilidade e dizibilidade às linhas de força que compõem o plano. Não há verdades fixas, há movimento do pensamento e intensidades. Se tece, se costura, se faz e se desfaz. É invisível, mas, sente-se a presença à espreita, esperando para ser percorrido e vivenciado.

Também, o modo de pesquisa exploratória busca enfatizar significados, preocupando-se com o nível de realidade que não pode ser mensurada ou

quantificada. Trabalhando com um vasto universo de crenças, culturas, valores, atravessamentos, permeia um espaço mais profundo nas relações co-estabelecidas e, “embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, tem passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação.” (CRESWELL, 2009, p. 206).

Então, a análise do material aconteceu através da abordagem qualitativa exploratória em interface com o método cartográfico, que não dicotomiza teoria e prática, e sim a trata como uma experimentação concreta sobre dada realidade ou contexto que pretende engajar-se. Dessa forma, precisa-se estar atenta “à experimentação de um modo de dizer compatível com a problemática que nos mobiliza.” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 131).

No percurso da pesquisa percebeu-se a necessidade da inclusão de materiais imagéticos, poéticos, narrativos que pudessem produzir no texto a pluralidade de vozes com que se encontrou no trajeto da pesquisa. Para isso, utilizei de muitos “plays” em podcasts enquanto tomava banho ou regava as plantas da minha janela; muitas leituras que fizeram-me revirar - reavivar - a noite, amplas e longas conversas com amigas importantes ou comigo mesma em frente ao espelho.

Também, é importante citar as muitas vezes que os sentimentos de insuficiência, dificuldade, falta de ânimo ou desejo, atravessaram ferozmente o meu corpo e conseqüentemente a pesquisa. Tomei o devido tempo, este, que não necessariamente diz de uma temporalidade... Um tempo mais similar com o sentir e associar as fases de cartografar, os meus próprios limites nesse fazer.

Dito isso, percebo que a cartografia movimentou - e se movimenta em mim, desde a chegada no campo (KASTRUP, 2009), nos fluxos imagéticos e na própria proposta de cartografar, à medida que parte do meu eu se agencia e se afeta, pois “o método cartográfico faz do conhecimento um trabalho de invenção, tal como indica a etimologia latina do termo *invenire* - compor com restos arqueológicos. A invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção.” (KASTRUP, 2009, p. 49).

Faço da minha escrita um dos meus pontos de força. *Ela não vai me matar*. É nessa relação intersubjetiva do verbo acontecer e perceber-se em cena e no campo, que a pesquisa emergiu para o consciente; acionando e convocando os jogos de

forças, à medida que o conhecimento “não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição.” (KASTRUP, 2009, p. 49).

### 2.3 C O M P O S I Ç A ~ O

Na movência do tempo, onde passado, presente e futuro interligam-se via fragmentações de sentires e memórias... pergunto-me, como aconteceu a pesquisa? Kastrup (2009, p. 48-49) me oferece pistas para anunciar maior nitidez no trajeto da processualidade dos “comos”, à medida que diz que

informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade.

Em contraponto, compor e corpar pesquisa no cenário atual está sendo uma experiência muito distante do fácil ou confortável. Também, no encontro com o que gestava em mim no qual não conhecia, tornou-se basilar para se costurar esse corpo-pesquisa: machismo, racismo, sexismo, eurocentrismo...

O encontro com esses sentires - os meus - possibilitou a abertura de pistas a serem seguidas e simultaneamente um grande desmanchamento de ideias da relação eu-cartografia. Ao mesmo tempo, senti impotência, frustração e vergonha. Por isso, respiro mais fundo, reconheço essas minhas partes. O que estas valem enquanto visão? O que elas podem movimentar? Coloque-as no campo de forças e veja o que elas podem. (FUGANTI, 2021).

*as partes de mim  
que ainda não são cicatrizes  
logo vão notar  
que tudo em mim  
é possibilidade*



*se tô quebrada a poesia me remonta  
se tô inteira a poesia me reconta*  
(LEÃO, 2019, p. 53)<sup>6</sup>

### 3 ABRIR CAMINHOS - RITO DE PASSÁ<sup>7</sup>

No ano de 2017, ingressei no curso de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Santa Maria. Ainda sem saber muito bem o que é, como é o funcionamento de tudo - já é algo grande adentrar no ensino superior vindo de onde eu vim. Fui a primeira por parte da minha família materna.

No decorrer dos semestres, sigo escutando atenta e tentando me encaixar em teorias e/ou métodos, que muitas vezes, não faziam sentido para a minha realidade. Também, moro na Casa do Estudante Universitário, localizada no campus de Santa Maria/RS, e como diz Emicida: Quem morre no final do mês, nossa grana ou nossa esperança [...] <sup>8</sup>

Dentro do âmbito acadêmico e da própria Terapia Ocupacional, comecei a me sentir deslocada e desamparada, por muitos fatores pessoais, mas, principalmente, pelo fato de como a compreensão da profissão não me servia mais. Como eu penso e vejo as possibilidades, linhas de percepções, isso não é ser terapeuta ocupacional? Algumas vezes, me falaram *que “não era bem assim”*. Mas então, como é?

A partir daqui, busco outras referências dentro do curso, outras formas de olhar para terapia ocupacional que fujam do modelo biomédico e reabilitativo, que muitas vezes, segrega e padroniza as pessoas. Nesse processo, com certo amadurecimento enquanto discente, que investiga outras terapias ocupacionais, ocorre em outubro de 2019, a 1º Jornada Internacional do curso de Terapia

---

<sup>6</sup> LEÃO, R. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

<sup>7</sup> MC Thá. Rito de Passá. 2020. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=PRAx8dgvPAo&ab\\_channel=MCTha](https://www.youtube.com/watch?v=PRAx8dgvPAo&ab_channel=MCTha)>. Acesso em: 20 fev. 2022.

<sup>8</sup> Emicida. Levanta e Anda. **Amarelo Ao Vivo**. 2019. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=j0KQua8-sDw&ab\\_channel=Emicida](https://www.youtube.com/watch?v=j0KQua8-sDw&ab_channel=Emicida)>. Acesso em: 10 out. 2021.

Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria, em comemoração aos 10 anos de curso na instituição, com o tema: “Luta, resistência e cidadania.”

É, neste momento, que me encontro com linhas de pensar e produzir práticas similares as que defendo, e que me amparam mesmo sem saber que assim o fazem. Sinto o peito vibrar da mesma forma de quando recebi o resultado de que havia passado no processo seletivo de ingresso.

No final das falas das convidadas, vou ao encontro de uma delas, Sabrina Basquera<sup>9</sup>, e como um ato de agradecimento e necessidade, falo que não consigo me encontrar na terapia ocupacional e que isso me preocupa; e ela fala: *então inventa uma terapia ocupacional que faça sentido pra ti*. Para quem lê essa frase agora, saiba que a carrego em meu âmago, dia após dia a fim de defender meu espaço dentro da profissão, e foi com esse incentivo (dentre outros) que cheguei até aqui, corpendo pesquisa.

Logo, à medida que me aproximo de outros referenciais epistemológicos e formas de compreender a Terapia Ocupacional na América Latina e no Sul Global, busco me reconhecer no encontro com a realidade do fazer e pensar o trabalho, e, simultaneamente, corpar e sustentar o processo de formação como profissional e pesquisadora. Sustentar... “Lorde enfatiza a importância de se ampliar o olhar e nos instiga a fazer o questionamento: até que ponto se legitima o poder que se condena?” (LORDE, 2013 apud RIBEIRO, 2019, p. 50).

### 3.1 ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS DO CAMINHAR

---

<sup>9</sup> Terapeuta Ocupacional egressa da Universidade Federal de Santa Maria em 2012. Integrante do Grupo de Pesquisa Terapia Ocupacional e Saúde Coletiva: Políticas Públicas, Subjetividade e Territórios. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq). Informações coletadas em: <<http://lattes.cnpq.br/8231334297503024>>.

*Ainda é pandemia<sup>10</sup>. Já são quase 500 mil mortos no Brasil. Hoje é dia 09 de junho de 2021. Acho que comecei essa escrita atravessada ou do avesso. Mas tem sido assim que me sinto quase diariamente.*

*Em meio uma crise política severa, com uma grande polarização entre negacionismo<sup>11</sup> e “delírios da extrema esquerda comunista” (uma atriz famosa disse essas palavras, em um vídeo postado em suas redes sociais) onde preocupa a panela vazia dos mais pobres, a água encanada que não há, o sabão para lavar as mãos que é um artigo de luxo em grande parte do país, o desemprego crescente... Não era a minha intenção começar novas escritas com algo tão deprimente e desolador, mas, é que a realidade nos cobra diariamente falar sobre isso.*

*Você que está lendo deve estar pensando: mas o que isso tem a ver com a tua pesquisa?*

*E eu lhe respondo: TUDO.*

*Inspiro.*

*Expiro.*

*Depois de uma longa pausa sem pensar em escrever nessas letras padronizadas e eletrônicas, eu sinto que a pesquisa continua em mim. Apesar de ser um tanto difícil pensar em seguir explorando novos campos diante da lua cheia, onde a maioria das espécies dos animais saem das tocas, caçam; onde a seiva das*

---

<sup>10</sup> Desde o início de março de 2020, o estado brasileiro encontra-se em medidas de prevenção para conter a disseminação da pandemia do vírus da COVID-19. O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, transmitida através de pequenas partículas líquidas expelidas pela boca, a partir da fala, tosse, etc. Com vidas ceifadas em muitos países do mundo, estima-se que o total de vítimas ultrapassa a marca de 5 milhões de pessoas; no ranking mundial de países com maiores índices de casos e mortes, o Brasil ocupa o terceiro lugar, atrás de Estados Unidos (1°) e Índia (2°). Dentre as medidas de prevenção divulgadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), destaca-se o uso obrigatório de máscara cobrindo nariz e boca em locais públicos, manter uma distância segura de outras pessoas (pelo menos 1 metro), limpar as mãos frequentemente com sabão e água ou álcool em gel e o isolamento social. Por fim, a vacinação! A logo “Fique em casa” tornou-se norma universal. Mas e quem entrega o seu lanche para você ficar em casa se preservando, tem essa opção também?

<sup>11</sup> Movimento negacionista foi composto em sua maioria por pessoas e instituições pró governo Bolsonaro, com discursos contra a vacinação da população, aliado aos de ódio, racistas, xenofóbicos, sexistas, rasos, acrílicos e contra medidas de prevenção e distanciamento social na pandemia do vírus da COVID-19.

*plantas, que caminham vagorosamente e ciclicamente todo o corpo vegetal, chega até as folhas no ponto mais alto. Tudo aqui é fértil e florido e expansivo. Isso é bom, mas nem sempre.*

*As pessoas também são animais, fazem parte da natureza (ou são natureza?), e também se expandem, e se exaltam. É aqui que começa o jogo de forças entre o certo e errado, seguindo a mesma lógica binária perversa. É aqui que começamos a nos maltratar, apontando muitos dedos para muitas pessoas. Estou me referindo a um período intenso de manifestações sociais, movimentos coletivos, enfim, saindo às ruas para reivindicar direitos mínimos.*

*Perceba, não estou me isentando politicamente, até porque ir às ruas junto aos meus, deu-me forças para respirar e seguir. O que tento, aqui, é movimentar outras perspectivas acerca de como eu vejo e sinto esse momento, de como ele reverbera em minhas entranhas, pensamentos e fluxos criativos.*

*Parece confuso? Porque é, mesmo. (Diário de campo, 2020).*

#### **4 UM CORPO SITUADO E COM CARAS**

Há duas linhas que se retroalimentam concomitantemente, num processo de interdependência, na visão de Santos (2009): o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Dessa forma, o conceito de pensamento abissal diz que há uma estrutura que dicotomiza e separa drasticamente linhas visíveis e existentes das invisíveis e inexistentes; ressaltando aqui que “inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (SANTOS, 2009, p. 23.), ou seja, o que existe e é exaltado desse lado da linha, é decidido e enfim valorado pelos interessados.

Logo, formas de conhecimento, culturas, gestos, minúcias do fazer rotineiro e vida cotidiana são embasadas por atrocidades, violências e genocídios coloniais que foram impostas e ensinadas como o “certo”, perante a linha visível, pelo viés eurocêntrico. Nesse sentido, no outro lado da linha encontram-se a magia, o desconhecido, o senso comum, bem como, os sujeitos e formas de vida invisíveis.

Pois, a lógica atua diariamente, direta e/ou indiretamente em corpos marcados desde sua ancestralidade, em corpos marcados desde seu sexo registrado sobre um papel em seu nascimento.

Então, é possível perceber que o pensamento moderno ocidental é tão presente e operante na atualidade quanto foi no período colonial, entendendo também que a colonialidade se expressa nas relações de poder cotidianas, pois “a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”. (SANTOS, 2007 p. 76).

Em uma linha histórica, o processo de globalização se alastra na América Latina, “onde o avanço das técnicas e da informação que com o uso de normas ditadas pelos Estados e empresas formaram o meio técnico-científico-informacional” (FARIAS, 2010, p. 274), sendo esse o ponto, e característica central da globalização, à medida que a esta, usa dessas ferramentas para benefício próprio - movimentando a construção e expansão da dominação sobre outros territórios e culturas. Assim, o intelectual brasileiro importantíssimo, chamado Milton Santos, discorre fluxos indispensáveis para essa discussão que se tece aqui. Segundo Santos (2001, p. 18):

[...] devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Nos atentemos aqui, na ideia de globalização como fábula. Autoexplicativo, as fabulações são histórias contadas, fantasias, “imposta pelos atores centrais e hegemônicos, aproveitando-se do alargamento de todos os contextos, pelas empresas e Estados, que permitem a instalação da globalização como algo inevitável, consagrando um único discurso.” (FARIAS, 2010, p. 255).

Nessa perspectiva, a globalização como fábula impõem padrões de ideais com imaginário de certo desenvolvimento avançado de tecnologias, culturas, territórios, modos de vida; principalmente, através da mídia audiovisual. Aparece a serialização de objetos, de modos de agir, de sentir, de se relacionar. Vidas em série, busca-se a homogeneidade, exclui-se as diferenças locais, aposta-se no mercado

avassalador que cultua o consumo de tudo e de todos, e isso, tem implicações ora invisíveis, ora bem visíveis.

Quijano (2005) entende a modernidade como outro eixo do capitalismo eurocêntrico global, onde ocorreu e ocorre fusão das experiências de colonialismo e colonialidade com as necessidades do capitalismo, criando um universo específico de relações intersubjetivas de dominação sob uma hegemonia eurocêntrica. Outrossim, através desse olhar, o eurocentrismo não se refere apenas aos aspectos de vida dos europeus, mas também, daqueles que foram educados pelo viés de hegemonia do capitalismo mundial. Eis que, aqui estamos.

Então, em qualquer pesquisa que se tece, considerando aqui as discussões de gênero, “quem pesquisa não deve se preocupar apenas com os ‘porquês’ do gênero, mas também os ‘quem’ - porque um determina o outro.” (OYÊWÙMÍ, 2021, p. 130). É nessa movência que se costura a ação de decolonizar as questões que atravessam o meu pesquisar. A própria noção de corpo e corpar ganha outros contornos, à medida que, segundo Oyèrónkẹ Oyêwùmí (2021, p. 130) diz que

“O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais [...] Assim, a construção de gênero não são em si mesmas biológicas - elas são culturalmente construídas, e sua manutenção é uma função dos sistemas culturais.”

*A categoria gênero, é construída socialmente e culturalmente? A emergência de localizar outros territórios e lugares de fala, anula ou alimenta as discussões que tenho vagado? Eu sei de onde vem, esse medo de não trazer uma cartografia “completa”, “suficiente”... É, é muito fácil cair na armadilha da ciência ocidental. Mas respira, ergue o peito.<sup>12</sup>*

#### 4.1 DO CORPAR MULHER-LATINA

*A mulher*

---

<sup>12</sup> Registros do diário de campo da autora.

O corpo  
 O corpo da mulher  
 O corpo de ideias da mulher  
 O corpo de imagens da mulher  
 Há mulheres  
 Há mulheres que pensam o corpo  
 Há mulheres que pensam o próprio corpo  
 Há mulheres que pensam com o corpo  
 Há mulheres que pensam através do corpo  
 Há mulheres que pensam para o corpo  
 Há mulheres que pensam a partir da ideia de corpo  
 Há mulheres que pensam a partir do corpo da ideia  
 Há mulheres que pensam a partir da imagem do corpo  
 Há mulheres que pensam a partir do corpo da imagem  
 Há mulheres que pensam  
 A mulher.<sup>13</sup>

*Tenho pensando muito sobre o corpo, o corpar. Favre (2014) diz que corpar é essa ação que os corpos fazem continuamente, é acontecimento que vive nesse acontecendo, movimentando... e não é só corpar, é co-corpar, porque os corpos fazem junto, a si e a seus ambientes.<sup>14</sup> Recebi de uma amiga, o poema descrito acima, gosto, ajuda a pensar as camadas que envolvem o corpo, mulher, e de quais mulheres... E junto a isso, que mulher eu tenho corpado para pesquisar. (Diário de campo, 2021).*

Em sua obra “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”, Oyèrónké Oyêwùmí (2021, p. 130) apresenta contribuições importantes para quem pesquisa gênero desde uma perspectiva afrocentrada. Dessa forma, a autora diz que:

---

<sup>13</sup> DE BARROS, L. **Há mulheres** (texto e videoperformance). 2005. Disponível em: <<https://vimeo.com/39018853>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>14</sup> FAVRE, R. Corpar: nosso verbo principal. **Laboratório de Processo Formativo**. 2014. Disponível em: <<https://laboratoriodoprocessoforativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/>>. Acesso em: 19 de jan. 2022.

“Mulher/mulheres é uma construção social, embora seja invocada de maneira associal e a-historicamente. Não havia mulheres na sociedade yorubá até recentemente. Havia obviamente, *obìnrin*. As *obìnrin* são anafêmeas. Sua anatomia, assim como a dos *okùnrin* (anamachos), não as privilegia para nenhuma posição social, e da mesma forma, não prejudica seu acesso a qualquer posição social.”<sup>15</sup>

Dito isso, é sabido que todos os processos violentos que atravessam a construção subjetiva dos povos e, principalmente, das mulheres latinoamericanas, estão enraizadas e são nutridas diariamente na malha social. Fico imersa nesse aspecto cada vez que me vejo insegura em alguma decisão cotidiana. Tem sido um tanto difícil, por isso, *respiro, ouço novamente e sinto Dandara Manoela me benzer...*

*Sem ser indelicada me concentro,  
me fecho e foco  
Sem excluir sem esquecer  
Visto a armadura e ainda assim amo leve  
Me munindo de força e ação,  
munição é tiro certo no alvo que quero conquistar  
Sigo os caminhos sem pedir licença,  
mas sem passar por cima sem pisar  
E desviando de pés inocentes,  
porém mortais que cercam  
Com fé no que sei e no que não sei,  
no que sou e no que serei,  
sigo hoje forte, mais do que ontem  
Minha resistência é voz  
e se for preciso,  
eu aprendo a ser feroz.<sup>16</sup>*

<sup>15</sup> Anafêmeas e anamachos referem-se à ideia da não hierarquização social generificada na sociedade Yorubá, comparada ao Ocidente; alude apenas à diferença anatômica entre fêmeas e machos, uma vez que, mulher e homem não seriam traduções adequadas para esse diálogo, à medida que o gênero simplesmente não era inerente à organização social Yorubá.

<sup>16</sup> Dandara Manoela. Minha Prece. **Retrato Falado**. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=1OeWYCrz1kg&ab\\_channel=DandaraManoela-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=1OeWYCrz1kg&ab_channel=DandaraManoela-Topic)>. Acesso em: 18 nov. 2021.



No meio da insônia, finalizo a leitura de “Um teto todo seu” da Virgínia Woolf. Fico imersa em pensamentos acerca do meu papel como graduanda pesquisadora sobre o meu próprio fazer dentro da Terapia Ocupacional. Como é possível pensar e atribuir essa responsabilidade a mim mesma? Eu a acolho, de fato? Também, como transcender e transcrever as verdades para essas letras minúsculas e padronizadas que compõem esse corpo? Existe uma verdade para transcrever? É certo que muita coisa move o meu desejo e logo começo a canalizar e nutrir essa potência interior.

Ah, repare que há mais incógnitas do que qualquer coisa nesse corpo que nasce e, talvez essa seja a sua característica mais bela e forte...

*Deixa que a dúvida venha a respeito da vida  
Iluminado seja aquele que já sabe o que é  
E eu já não sei quase nada sobre tudo de você  
Melhor não saber nada, assim posso entender.  
(Gilsons, 2020)<sup>17</sup>*

Logo, pensando que, historicamente, o feminismo nasce na Europa com o movimento de mulheres brancas da burguesia, que resumidamente, reivindicavam os mesmos direitos de ocupações de cargos sociais, que os homens (seus maridos). Um modo de expressar a condição da mulher naquele jogo de forças onde essas mulheres estavam inseridas, mas e as demais, que tinham outras questões? Como a universalização torna essa “a mulher”? Nessa altura da leitura, já não torna-se evidente que precisamos discutir sobre que feminismo é esse? Sobre quais potencialidades constrói e destrói? Sobre com que mulheres busca englobar, dialogar, amparar? Dessa forma, Oyêwùmí (2021, p. 130) fala que:

“A exportação mundial da teoria feminista, por exemplo, faz parte do processo de promoção de normas e valores ocidentais. Acatada por seu valor aparente, a incumbência feminista de tornar mulheres visíveis é levada a cabo submergindo muitas categorias locais e regionais, o que de fato impõe valores culturais ocidentais.”

---

<sup>17</sup> Gilsons. Índia. **Xirê**. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5wHBZIIYfIU&ab\\_channel=Gilsons-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=5wHBZIIYfIU&ab_channel=Gilsons-Topic)>. Acesso em: 18 out. 2021.

Então, é possível falar que o feminismo norte-americano é comprado pelo neoliberalismo, percebemos isto se estivermos atentas à ideia de venda de empoderamento feminino. Empoderar quem e como? O que é ser empoderada? Você que, começou a trabalhar aos 13 para conseguir compor a renda familiar, ou conseguiu perceber as silhuetas das tuas sombras, já não é uma mulher empoderada? E, porque precisamos nos denominar assim? Qual origem e objetivos da palavra empoderar?

É inegável que o feminismo como um movimento heterogêneo contribuiu abrangentemente para abrir espaço de discussão e visão de gênero na América Latina, mas, é importante pensarmos se esses saberes ainda cabem nos nossos contextos. Esses saberes cabem no aqui e agora nas vidas cotidianas de mulheres diversas e seus globalismos locais? “No nível da produção intelectual, devemos reconhecer que as teorias não são ferramentas mecânicas; elas afetam (e alguém dirá, determinam) como pensamos, sobre quem pensamos, o que pensamos e quem pensa conosco.” (OYÊWUMÍ, 2021, p. 57).

Logo, é indispensável refletir sobre como a modernidade e o capitalismo se apropriam das opressões das mulheres, através do trabalho doméstico pouco (ou não) remunerado, pelos padrões de beleza flutuantes nas mídias e pressão em consumir produtos milagrosos para deixar o rosto liso, fino e de preferência claro, branco, branquíssimo. O subalterno é fonte, e não fundação da opressão.

*Penso, de onde vem boa parte da insegurança que muitas mulheres sentem, ao ocupar espaços que acreditam não merecer, ao falar sobre suas ideias, o medo de ser julgada incapaz, o medo de ser? Por outro lado, é importante tecer esses pensamentos junto à ideia de que a construção de gênero é vista como uma perspectiva eurocêntrica. (Diário de campo, 2021).*

Helena Vieira (2020), é uma transfeminista que discorre acerca de que ser macho ou fêmea no contexto social, denota uma estratégia de um ideal colonial de civilização e, nesse aspecto, os sujeitos latinoamericanos foram animalizados pelos seus colonizadores; logo, deveriam “evoluir” para homem ou mulher. Sendo o

gênero, aqui, entendido como uma categoria moral, uma vez que depende de uma série de condutas que independem de suas características físicas. Ou seja, quando falamos que tal sujeito do sexo masculino não está agindo como homem, quando não está demonstrando força ou dominância, por exemplo, estamos diante de uma ação cotidiana que corrobora com a ideia apresentada. Se pensarmos um pouco, teremos vários exemplos vindo à tona. Isso é o machismo estrutural arranhando o corpo de quem o nega.

No sul do México, há os muxes. Nesse território são reconhecidas 3 organizações de gênero; muxes se denominam como o terceiro sexo, e é uma classificação reconhecida desde os tempos pré-hispânicos e pré-colonial. Há homens, mulheres e muxes. Geralmente se vestem com muitas flores e cores, trajes semelhantes aos da artista mexicana Frida Khalo. Em contraste com o padrão vivenciado pela heteronormatividade, que pune e mata corpos julgados não normativos, nesta região, têm-se outra perspectiva de marginalização e participação social.

Em contrapartida, a antropóloga Marinella Miano Borruso (2010, p. 2453) aponta que:

Esse desejo de mudança fisiológica chama a atenção. Por que ser trans, não mais muxe, o que está faltando agora do muxe para ser apreciado pelos homens ou sociedade? Ou, que modelos internacionais estão envolvidos no zapoteco<sup>18</sup> imaginário, transformando aspirações individuais para modelos mais estereotipados e bem sucedidos pela mídia de mulheres?<sup>19</sup>

Logo, frente aos impactos da globalização na vida cotidiana, aumentou-se a discussão entre diferenciação de muxes, travestis, transsexuais<sup>20</sup> e,

---

<sup>18</sup> Referente a cultura do sul do México.

<sup>19</sup> “Llama la atención este deseo de cambio fisiológico. ¿Por qué ser trans, ya no muxe?, ¿qué le falta ahora al muxe para ser apreciado por los hombres o por la sociedad? ¿O será que los modelos internacionales intervienen en el imaginario zapoteco, volcando las aspiraciones individuales hacia modelos de mujeres más estereotipadas y mediáticamente exitosas?” (BORRUSO, 2010, p. 2453, tradução nossa).

<sup>20</sup> Pessoas transexuais são aquelas que não se identificam com o sexo que lhe foi concedido ao nascimento. Já pessoas cisgêneras, são aquelas que se reconhecem com o sexo atribuído ao nascimento. Dessa forma, Ferreira (2021, p. 369) aponta que “a própria definição ‘de qual sexo é’ apesar de enlaçar a materialidade do corpo já carrega um discurso de construção que lhe é constitutivo.”

consequentemente, a LGBTfobia<sup>21</sup>. Nesse sentido, até então, antropólogos apontam que não havia desejos de mudanças no corpo para performar ou tornar-se “mulher de verdade”, pois, já se tinha participação social importante e reconhecida.

Frente a isso, Borruso (2010, p. 2449) faz considerações importantes que aludem a figura muxe no contexto local:

Nesta sociedade, o muxe não é considerado como uma figura excepcional ou fora da norma, mas como uma parte natural e normal da composição genérica da sociedade e valorizada por uma série de razões que vão do papel importante que desempenham economicamente na família, para os comércios que jogam na comunidade com base na reprodução de alguns elementos culturais tradicionais.<sup>22</sup>

Ou seja, vivencia-se aqui, outros modos de compor a sociedade sem estigmatizar preconceitos marcados e vindos do ocidente e etnocentrismo europeu. Há linhas de fuga, precisamos conhecê-las.

Adentrando um pouco mais nas questões e estudos sobre gênero, em movimentos de tentar compreender melhor o sistema onde a “heteronormatividade compulsória” (BUTLER, 2003.) estende-se e expande-se nas relações subjetivas e interpessoais, entende-se que a categoria binária<sup>23</sup> é imputada de forma violenta à nível físico e simbólico. Pois: como crianças aprendemos, como adultas precisamos necessariamente nos relacionar afetivamente e sexualmente somente com o sexo oposto. Além disso, como mulheres, devemos performar a feminilidade: cabelos longos preferencialmente claros, corpos perfeitos impostos pela mídia e padrões de beleza atuais, corpos sem pêlos, corpos brancos. E, ainda, não se pode envelhecer.

A feminilidade pode ser descrita como fator que rege a performatividade, à medida que “os corpos não são meramente descritos, eles são construídos no ato da descrição.” (SALIH, 2015, p. 124). Ou seja, para performarmos mulheres no social, temos que compreender como é ser uma mulher nesse contexto, questões que a

---

<sup>21</sup> A LGBTfobia são atos de violência, ódio, discriminação, direcionados às pessoas da população LGBTQIA+ por pessoas ou grupo.

<sup>22</sup> “En esta sociedad, el muxe no está considerado como una figura excepcional o fuera de la norma, sino como parte natural y normal de la composición genérica de la sociedad y valorizado por una serie de motivos que van del rol importante que juegan a nivel económico en la familia, a los oficios que desempeñan en la comunidad en función de la reproducción de algunos elementos culturales tradicionales.” (BORRUSO, 2010, 2449, tradução nossa).

<sup>23</sup> Onde entende-se que a ordem biológica de “homem e mulher” é a única forma possível de viver, e aceitável socialmente.

feminilidade expõem, tais como, como vestir determinado tipo de roupa, usar maquiagens, pintar as unhas, por exemplo.

Porém, entendendo que ler socialmente um corpo como mulher varia de acordo com a cultura de determinado local, contexto e temporalidade, para as mulheres transsexuais e travestis a performance de feminilidade é uma blindagem social, à medida que “parecer é ser”<sup>24</sup>, pois quanto mais se performa a feminilidade cisgênera, maior será seu nível de aceitação no movimento trans e no meio social.

Dessa forma, corroborando com Sara Salih (2015, p. 125): “É uma menina!” não é um enunciado de um fato, mas, uma interpelação que inicia o processo de “tornar-se menina”, um processo baseado em diferenças percebidas e impostas entre homens e mulheres, diferenças que estão longe de ser “naturais”.

Também, englobando diferentes pontos de (partida) análise, Ochy Curiel Pichardo, uma das principais feministas decoloniais da América-Latina e Caribe, apresenta contribuições importantes acerca da colonialidade de gênero, analisando pontos de uma história contada de forma linear e eurocêntrica que assume que o feminismo nasce com a Revolução Francesa, como se antes disso, em outros lugares que não fosse na Europa, as mulheres não houvessem se oposto ao patriarcado e as formas de violência contra elas.

Ademais, María Lugones (2008, pg. 59) chama de “lado claro/visível da organização colonial/moderna do gênero” referindo-se à aspectos que nos são permitidos pensar, enquanto pesquisadoras. E aponta que a própria noção de gênero eurocêntrica permite dar passagem, ou seja, “dicotomia masculina/feminina, heterossexualidade, e patriarcado são inscritos hegemonicamente no próprio significado do gênero”; e ao avaliarmos somente esses aspectos na discussão, contornamos essa borda visível expandindo inconscientemente o lugar colonizado e eurocêntrico.

Outrossim, lendo Lugones (2008, p. 60) é possível vislumbrar outras questões importantes, à medida que observa-se que, no passado colonial, “fêmeas não brancas eram consideradas animais no sentido profundo sendo ‘sem gênero’,

---

<sup>24</sup> Fala de Carolina Parisotto no podcast Transverso. Carolina é mulher trans que atua como advogada na Igualdade RS, associação de travestis e transexuais do Rio Grande do Sul que promove o acesso aos direitos da população trans. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5RRk5dpWu7EJZieWp6lrW7>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

sexualmente marcado como feminino, mas sem características da feminilidade[...]”, e podemos nos perguntar: *Qual lugar ocupamos atualmente?*

Logo, o gênero introduzido pelo ocidente se fez e faz como uma ferramenta de dominação que designa categorias sociais aos que se opõem ao binarismo hierárquico. Sujeitos que escapam da ideia de naturalização colonial de gênero são perseguidos, mortos, impedidos de fluírem socialmente como parte de um todo.

#### 4.2 INTERSEÇÕES - VARIAÇÕES NOS JOGOS DE FORÇAS

Começo a pensar sobre a palavra mulher e seus significados, para além daquilo que sempre me contaram. Entre leituras, começo a ficar atenta, pois isso implica que o próprio termo “mulher”, sem especificar quais, não faz sentido ou pode até possuir sentido racista. Já que historicamente, essa lógica selecionou apenas o grupo dominante: as mulheres da burguesia heterossexual e brancas. Portanto, há diferentes formas de violência ocultas neste termo, ressaltando a desumanização que a colonialidade de gênero implica, pois, é importante considerarmos que “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.” (RIBEIRO, 2020, p. 69).

É importante salientar aqui que, com todas essas modulações e aspectos da colonialidade, nós acabamos corroborando com várias formas desta, quando legitimamos apenas movimentos feministas (majoritariamente brancos/europeus) com base escolarizada, preferencialmente, no meio acadêmico. Uma vez que, dessa maneira, se torna mais ágil sua aceitação e aprovação no contexto científico ocidental.

Outro ponto a se destacar, é que as sociedades modernas são majoritariamente organizadas pela categoria gênero, e esse sistema é heterossexual-binário. Porém, há sistemas de organização do meio social que se diferem desse padrão, como na cultura iorubá, onde os sujeitos podem ser reconhecidos por sua idade, senioridade, por exemplo. Isso implica, então, que para muitas mulheres, a colonização se deu através de um processo duplo de inferiorização racial e de gênero (OYEWÚMI, 1997). Logo, tem-se a emergência de

reconhecer mais uma problemática das facetas coloniais... o feminismo, o feminino, entendendo que as questões enfrentadas e atravessadas, não são hegemônicas.

Gloria Anzaldúa (2000, p. 229), em seu brilhante ensaio, escreveu: Minhas queridas hermanas, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio.

Logo, é indubitavelmente importante citar, também, que a invenção da raça<sup>25</sup> gera e continua gerando estratificação dos sujeitos a partir dela. Dito isso, a interseccionalidade revela o que não é visto quando categorias como gênero e raça são conceituadas como separadas uma da outra. (LUGONES, 2008).

É inegável a contribuição da noção de interseccionalidade para se pensar os fluxos e a não hierarquização das formas de violências que atingem as mulheres negras, contrariando à modernidade que tende a homogeneizar as opressões mascarando suas estratificações, camadas e atravessamentos conectados à uma estrutura e lógica de funcionamento social. Logo é a respeito da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade. (AKOTIRENE, 2020).

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

O conceito de interseccionalidade foi pautado por Kimberlé Crenshaw, no âmbito do jurídico estadunidense, porém, não significa que foi Crenshaw quem deu borda às encruzilhadas ao referenciar a interseccionalidade das violências e opressões. Dessa forma, no Brasil, Carla Akotirene discorre sobre a interseccionalidade de forma crítica e situada, o que corrobora para compreender que

O feminismo negro da geração de Sueli Carneiro, mesmo sem apontar a interseccionalidade, sugere pautas antirracistas, não confessionais, antissexistas, validadas intelectualmente em atenção à abordagem feminista

---

<sup>25</sup>Neste trabalho essa categoria não será aprofundada. Para maior aprofundamento vide, dentre outros: Munanga, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

de Patricia Hill Collins, às conquistas de governanças antirracistas feitas pela pensadora brasileira Luiza Bairros [...]. (AKOTIRENE, 2020, p. 102).

A discussão acerca da interseccionalidade é imensa e composta por muitas pensadoras do Norte e Sul Global, por isso, torna-se necessário e urgente compreender o cisheteropatriarcado<sup>26</sup>, racismo e capitalismo como moduladores basilares no processo de subjetivação, desde a colonização até a atualidade, uma vez que a colonialidade segue alimentando e construindo outras formas de submissão, domínio e controle de corpos e culturas.

*Que Exú, Senhor das encruzilhadas, caminhos, encontros e comunicação, siga nos amparando.*

*Loroyê Exú!*<sup>27</sup>

*Pausa.*

*O que significa tudo isso nesta pesquisa? Pois bem, é aqui que quero chegar. Leitora (o), preciso da sua atenção e imaginação nesta parte. Tente imaginar a cena.*

*É dia 29 de maio de 2021, sábado, por volta das 16 horas da tarde. O dia está parcialmente nublado, acinzentado em Santa Cruz do Sul/RS. Faz frio, quando o vento gélido chega até a pele e, é quase involuntário movimentar os ombros para frente na tentativa de proteger o peito. É de arrepiar os pelos.*

*Em frente há um local público, inicia-se a concentração de pessoas, timidamente. Há carros chegando, estacionando, com muitas bandeiras sendo carregadas orgulhosamente. Há trabalhadores chegando a pé, ainda com seus uniformes de trabalho com o logo das empresas estampados. Há apoiadores do outro lado da praça, cercando, gravando e transmitindo em suas redes sociais em tom de deboche. Penso: tudo bem (será?).*

---

<sup>26</sup> Sistema de dominação central do homem cisgênero, heterossexual e branco sobre demais grupos sociais.

<sup>27</sup> Exú é um orixá cultuado em religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé, e é conhecido como o guardião dos caminhos, comunicação... “Loroyê Exú”, é a expressão utilizada para saudar a divindade. Em iorubá, chama-se Èṣù.



*Estas são minhas primeiras impressões ao chegar no local. Há poucas pessoas ainda, e eu me sinto bem por isso, afinal, ainda estamos em uma pandemia severa e negada. E como resquícios dessa, eu não me sinto nada bem em locais com muitas pessoas.*

*Respiro fundo e sigo.*

*Avisto uma criança segurando um cartaz e fico curiosa em saber o que há escrito nele. Sigo com o olhar na tentativa de ver, estico o pescoço, leio: #ForaBolsonaro<sup>28</sup>. Penso: há esperança. Acredito que não fui a única a pensar isso, pois, muita gente presente fotografou aquela cena. Eu preferi só apreciar sentindo o vento bater no rosto, que agora estava quente e feliz.*

*A organização das pessoas do movimento era apropriada, havia espaços para todos sentirem segurança ao voltar para casa (já que, aparentemente, todos possuíam o privilégio de ter uma). Em um canto, com uma mesa com um frasco de álcool em gel posto, havia uma caixa de papelão e um cartaz pequeno escrito “arrecadação de alimentos”. Ao chegar no local, pus-me perto dessa cena, embaixo de um coqueiro, acuada e atenta.*

*Agora (ou antes) os discursos começam, várias representantes da cidade e de movimentos sociais que desconheço. Um deles é o Movimento de Mulheres em Luta (MML). Ouço a voz de uma mulher, é a primeira mulher que fala no centro de um círculo de pessoas. Me pego esticando o pescoço ainda mais alto, ainda mais atenta, ainda mais curiosa.*

*O que sinto nesse momento me toma por inteira, os pensamentos que surgem causam desconfortos no meu corpo que agora se contorce levemente na própria estranheza do pensar e habitar. Quem falava era uma mulher negra, não*

---

<sup>28</sup> O Movimento #ForaBolsonaro surge no ano de 2018, quando ainda Jair Messias Bolsonaro encontrava-se em processo de campanha eleitoral para presidente da república; iniciando aqui com “#EleNão”, com intuito de alertar a população nacional sobre a gravidade do retrocesso que ocorreria. Em síntese, é composto em sua maioria por militantes independentes, de esquerda, movimentos feministas, antirracistas, anticapitalistas, com objetivo denunciar as barbáries do governo Bolsonaro, uma vez que há extremo e contínuo desmanche de políticas públicas no âmbito geral, aumento do desemprego, inflação alarmante, fome - muita fome, discursos negacionistas acerca da pandemia e sua importância, negligência e corrupção no processo de compra de vacinas, etc. As manifestações #ForaBolsonaro ocorreram em território nacional, mas também em outros países do mundo.

*recordo o nome dela, pois, fui tomada por sentimentos. Penso em como esta mulher, com voz firme e doce, falando por muitas, lembrava a minha mãe. Penso, “não era o corpo<sup>29</sup> que eu esperava”, na minha visão extremamente etnocêntrica e racista, que estaria posto ali em discurso linguístico e simbólico<sup>30</sup>.*

#### *Corpo simbólico*

*Sigo a partir dali, daqui, atenta na fala e no que ela reverbera em mim. Sinto um misto de movimentos internos que ainda não sei ao certo explicar, mas sei que está totalmente atravessado pelo racismo estrutural<sup>31</sup>. Disso eu sei, eu sinto. (Diário de campo, 2021).*

Percebo que possuo uma pré-concepção de corpo, cor, curvas... que esperava ver naquele lugar de fala, a partir das ideias e padrões estabelecidos desde o âmago da cultura ocidental branca, europeia e heteronormativa. Patricia Hill Collins (2019) conceitua como “imagens de controle”<sup>32</sup>, referindo-se às representações sobre as mulheres negras, propagadas principalmente pela mídia audiovisual. As “imagens de controle” se diferem dos estereótipos, pois essas imagens não são apenas representações benignas, elas fazem parte de uma relação de poder, à medida que afeta como a sociedade trata as mulheres negras e como elas recebem e reagem a essas imagens.

A socióloga ainda traz que as “imagens de controle” que recaem sobre as mulheres negras são uniformemente negativas, pois são estas que constroem o imaginário de que mulheres negras são somente babás, empregadas domésticas, serviçais, etc.

Conversando com algumas autoras, na superfície dos encontros, observo a autoconsciência do racismo, (e espero que você pense no seu, também) com um trecho de Gloria Anzaldúa (1979, p. 169):

---

<sup>29</sup> A imagem de uma pessoa negra em local de liderança.

<sup>30</sup> Simbólico, à medida que subverte a imagem de controle de mulheres negras, vistas com frequência através do imaginário social, apenas como chefas de família, domésticas, por exemplo.

<sup>31</sup> “Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de racismo estrutural.” (KILOMBA, 2008, p. 77).

<sup>32</sup> COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: imagens de controle (vídeo 1). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XVdbyhuAJEs&ab\\_channel=TVBoitempo](https://www.youtube.com/watch?v=XVdbyhuAJEs&ab_channel=TVBoitempo)>. Acesso em: 20 fev. 2022.

“Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios...”

O meu desejo é capturado aqui, a partir desse encontro de afetos, entre o perceber-se cúmplice e o asco disto - e o desenrolar se dá por esta via. Cúmplice... Do quê? São afetos, sensações, emoções, que quando relembro desses atravessamentos, sinto que não consigo nomear alguns; mas é r a c i s m o.

Sensações... De onde surge a vergonha, culpa, ojeriza? Dirijo estes, para quem? à mim? à uma estrutura institucionalizada muito maior? É nesta encruzilhada que sinto a força do soco no estômago, do ar que não consigo se libertar do meu corpo e, assim como ele, eu só quero fugir. Mas, do quê? Por quê?

Grada Kilomba elucida um pouco do que estou sentindo, pois, fala sobre os 5 mecanismos distintos de defesa do ego experienciados pelas pessoas brancas, à medida em que se colocam nesse lugar de escuta o qual não estão habituadas. Negação, culpa, vergonha e reconhecimento e reparação. Para a cena, ênfase na vergonha.

“*Vergonha*, por outro lado, é o medo do ridículo, a resposta ao fracasso de viver de acordo com o ideal de seu próprio ego [...] a vergonha ocorre quando quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesma/o. A vergonha está, portanto, conectada intimamente ao sentido de percepção. Ela é provocada por experiências que colocam em questão nossas concepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de ‘*outras/os*’...” (KILOMBA, 2018, p. 45).

*Pausa.*

Consciente no processo de cartografar, na experiência de compor e corpar pesquisa, ouço o som agradável dos pássaros após a chuva, escrevo a passos lentos e calmos. Leio em meu diário (2021): *pensar é ser e ser é pensar*. Então, “de nada adianta intelectuais defenderem a descolonização do feminismo sem legitimar negrura perspectivista em nível psíquico, cognitivo e espiritual das epistemes” (AKOTIRENE, 2020, p. 42). Então, o que fazer diante disso? Conscientemente o processo de *reconhecimento* se dá, entendendo que reconhecer é o ato

“que segue a vergonha; no momento em que o sujeito branco reconhece a sua branquitude e/ou racismo [...] Reconhecimento é nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade - já não se trata mais de como eu gostaria de ser vista/o, mas sim de quem eu sou...” (KILOMBA, 2018, p. 46).

Frente a isso, há linhas que desenham um grande rabisco sem direção, margem e significado. Ainda estou olhando para esses rabiscos e me perguntando se há mesmo como decifrá-los minimamente. Porém, percebo e sigo algumas aberturas. A interseccionalidade é uma possível, à medida que

nos leva reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e corroborarmos com as violências. Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas. (AKOTIRENE, 2020, p. 45).

Neste momento, lembro quase que instantaneamente de um trecho da música “me curar de mim”, de Flaira Ferro (2015)<sup>33</sup>, onde diz:

*“Pra me encher do que importa  
Preciso me esvaziar  
Minhas feras encarar  
Me reconhecer hipócrita.”*

*Lembrete: sentir.*

Com incógnitas dançantes, me pergunto se neste emaranhado de afetos existe a romantização do racismo, o medo de romantizar o racismo, o racismo em si... O que mais há? Surge a necessidade de me explicar, explicar a minha parte que se agencia a partir do meu “eu” racista e como eu desfrutei desse sistema ao longo de minha trajetória. Mas, de onde vem essa necessidade de explicação?

---

<sup>33</sup> Flaira Ferro. Me curar de mim. **Cordões Umbilicais**, 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OCdh6BYIPUk&ab\\_channel=FlairaFerro](https://www.youtube.com/watch?v=OCdh6BYIPUk&ab_channel=FlairaFerro). Acesso em: 20 set. 2021.

*Inspiro.*

*Expiro.*

*Sigo.*

Me proponho a falar a partir dessa narrativa, a potência que a habita e desdobramentos que dela surgem. A experiência de estar presente e pensar o que pensei, naquela tarde fria embaixo de um coqueiro, movimentou e movimentou continuamente muitas nuances dentro e fora do que é pensar sobre mulheres diversas. Diante disso, encontro-me com Oyèrónkê Oyêwùmí (2021, p. 47):

Mulheres? Que mulheres? Quem se qualifica para ser mulher nesse ambiente cultural e em quais bases elas devem ser identificadas? Tais questões são legítimas se quem pesquisa leva a sério a construção de categorias sociais e tem em conta as concepções locais da realidade.

De fato, explorar essas questões são imprescindíveis para realizar esta pesquisa sob olhar decolonial, porém, há armadilhas. A medida em que “pessoas da academia se tornaram uma das forças hegemônicas internacionais mais eficazes, não por produzir experiências sociais homogêneas, mas uma homogeneidade de forças hegemônicas.” (OYÊWÙMÍ, 2021, p. 46). Para tanto, há um esforço de sustentar a curiosidade e o olhar à espreita no cartografar, pois a cartografia só pode ser pensada como método se entendermos método como aquilo que nos faz compreender a nossa potência de conhecer.<sup>34</sup>

*Respiro.*

*Inspiro.*

#### **4.2.1 Encontros que fazem desaguar**

Procuro experimentar as teorias, e vivenciar de forma não hierarquizada e opressora, aposto no toque do que me acontece no plano dos encontros e afetos a partir destes movimentos... Alguns dias de inércia se passam, e eu continuo com a

---

<sup>34</sup> Deleuze G. **Espinosa**: Filosofia prática. São Paulo: Escuta; 2002.

sensação de “*minha pesquisa estagnou, não consigo*” (Diário de campo, 2021), mas, recebi um convite interessante para participar de um grupo de estudos, que até então não havia explorado... Porque não aceitar?

Dessa forma, um desses lugares que me tomou por inteira, é o grupo de estudos do livro “*Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*” da autora Grada Kilomba. Neste, me pus em um estado de escuta atenta, entendendo que é um espaço seguro para falar sobre o que me atravessava, mas, principalmente, porque esse grupo também é um lugar seguro para muitas, e ouvir as experiências de cada pessoa foi enriquecedor - e dolorido.

Os encontros aconteciam semanalmente e de forma virtual, via google meet. Nesta obra estudada, Kilomba desmonta a naturalidade do racismo, expondo narrativas de mulheres negras acerca da experiência de ser vista e posta cotidianamente como *a/o Outra/o*<sup>35</sup>. Ademais, o grupo de estudos é composto majoritariamente por mulheres negras, que trazem suas contribuições a partir desse lugar, da experiência em si. Considero esse movimento muito potente, haja visto que, na academia tem-se a ideia e lógica opressora do saber científico acima de todos os outros, e ver tantas mulheres desconhecidas deslocando esse raciocínio, me fez vibrar em outra frequência.

Comecei a leitura e meu pensamento voou em muitas direções e intersecções, foram fluxos intensos, porém, acho importante que este processo com toda a sua nua incompletude, conste aqui e faça corpo. *Desconforto*.

*O que acontece comigo? Qual intimidade eu quero esconder de mim mesma? O que é inacessível para mim a ponto de causar tamanho desconforto? (Diário de campo, 2021).*

---

<sup>35</sup> “Other é um termo neutro em inglês, ausente de gênero. A sua tradução em português permite variar entre dois gêneros - *a/o outra/o*. Embora seja parcialmente satisfatório, pois inclui o gênero feminino põe-no em primeiro lugar, não deixa de reduzir à dicotomia feminino/masculino, menina/menino, não permitindo estendê-lo a vários gêneros LGBTTTQIA+ - *xs Outrxs* -, expondo, mais uma vez, a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa.” (KILOMBA, 2018, p. 16).

A escritora norte-americana bell hooks (2015, p. 195), fala que “o racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais”. Dessa forma, para pensar em feminismos decoloniais, é indispensável decolonizar o meu próprio pensar.

Em contraponto, outros sentimentos surgem nesse percurso, como o de conseguir apoiar-me em pensamentos de autoras importantes que descrevem em conceitos, os sentimentos que eu tenho de forma recorrente, mas, sem ter a competência e a consciência de nomeá-los.

No racismo, há três características que se cruzam simultaneamente. A primeira é a construção de/da diferença, à medida que se pergunta: É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? (KILOMBA, 2018). Sabendo que historicamente o padrão branco é visto e valorizado com a norma social, então, pode-se dizer que “não se é ‘diferente’, torna-se ‘diferente’ por meio do processo de discriminação.” (KILOMBA, 2008, p. 75).

O segundo aspecto, se dá a partir da indubitável observação de que essas diferenças construídas estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos. Dessa forma, através da noção de inferioridade e submissão, constrói-se sobre a malha social o processo de naturalização e estigmatização sobre um grupo, também chamado de preconceito. (KILOMBA, 2008).

Então, por fim - terceira característica - considerando a supremacia branca e o poder exercido historicamente, socialmente e economicamente, como papéis centrais dessa discussão, o racismo é entendido como o produto da combinação entre preconceito e poder. “Nesse sentido, o racismo é a supremacia branca.” (KILOMBA, 2008, p.76).

Seguindo nesse viés duplo entre poder e preconceito, Kilomba (2008, p. 76) faz-me provocações ao dizer que “outros grupos raciais não podem performar o racismo, pois, não possuem esse poder”, uma vez que este é exclusivamente branco. Dito isso, poderia eu como mulher parda, performar o racismo? É importante ressaltar que Kilomba fala de outro lugar, outro território, com outras vivências, mas, referente ao jogo de forças que esta discussão traz, peço-me pensando neste questionamento, e também - quem é o dito branco no Brasil? -

Divagando sobre essas ideias, lendo, aberta as possíveis chegadas de afetos... Encontro um arquivo com registros de uma mulher chamada Domitila, com o título: “Si mi permiten hablar...” Testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia.

Domitila Barrios de Chungara, nascida em 7 maio de 1937, foi a única mulher de classe trabalhadora que participou ativamente da Tribuna representando a Bolívia. Esposa de um homem trabalhador de mina, mãe de 7 filhos e analfabeta, Domitila se expressa a partir da linguagem do povo, da sua linguagem identitária, mostrando a riqueza das expressões populares.

Em seus relatos, Domitila rememora fortemente suas experiências enquanto mulher boliviana e pobre, falando sobre sua rotina como mulher de um trabalhador de mina, expondo as dificuldades de se trabalhar nesses locais, bem como, sobre os impactos na saúde e na convivência social que se dão por isso. Porém, além disso há outros pontos que prendem a atenção: a maneira como Domitila narra sua história pessoal em interface com a história do seu povo, é de extrema potência!

É por isso que eu digo que não quero apenas fazer uma história pessoal. Quero falar sobre meu povo. Quero testemunhar toda a experiência que adquirimos ao longo de tantos anos de luta na Bolívia, e trazer um grão de areia na esperança de que nossa experiência de alguma forma sirva à nova geração, para novas pessoas. [...] quero que chegue às pessoas mais pobres, pessoas que não podem ter dinheiro, mas que precisam de alguma orientação, de algum exemplo que possa atendê-los em suas vidas futuras. Para eles, concordo em ter o que vou te dizer. Não importa que tipo de papel eu quero que seja para a classe trabalhadora e não apenas para pessoas intelectuais ou pessoas que apenas negociam com essas coisas.” (VIEZZER, 2005, p. 9).<sup>36</sup>

Essas são formas dos feminismos decoloniais na vida real. São aspectos que vão muito além de discursos e/ou teorias. O feminismo decolonial permite que olhemos para as mulheres de forma situada e subjetiva. Imagine Domitilas... Há tantas, que digo (liberando o ar dos pulmões): que hables!!!

---

<sup>36</sup> “Finalmente quiero esclarecer que este relato de mi experiencia personal y de la experiencia de mi pueblo, que está peleando por su liberación —y a la cual me debo yo—, quiero que llegue a la gente más pobre, a la gente que no puede tener dinero, pero que sí necesita de alguna orientación, de algún ejemplo que les pueda servir en su vida futura. Para ellos acepto que se escriba lo que voy a relatar. No importa con qué clase de papel pero sí quiero que sirva para la clase trabajadora y no solamente para gentes intelectuales o para personas que nomás negocian con estas cosas.” (VIEZZER, 2005, p. 9, tradução nossa).



No mês de agosto do ano de 2020, a banda “Francisco El Hombre” em parceria com o grupo chileno “Moral Distraída”, lançou uma letra chamada “Baile Sudaca”, com o videoclipe gravado de forma caseira em meio a pandemia de COVID-19, intercalando as cenas entre Brasil e Chile, também, referenciando a afetos e pedidos de união dos sul-americanos. Surge aqui, o desejo de explorar esse adjetivo e ampliações.

De acordo com o Dicionário da Língua Espanhola, “*sudaca*” é uma expressão pejorativa que se dirige aos sul-americanos, nativos da América do Sul. Ou seja, “*sudaca*” é uma expressão xenófoba usada para definir de forma depreciativa, os sul-americanos, generalizando assim, culturas e histórias extremamente diversificadas. Logo, os artistas se uniram com o intuito de virar o termo do avesso, ressignificá-lo, dar um outro lugar.

Pensando no processo sócio-histórico-cultural da Terapia Ocupacional enquanto profissão, é importante salientar que na academia, exploramos e aprendemos sobre uma visão hegemônica e unificada da profissão, à medida que se constrói um conhecimento desde um outro lugar e cultura. Muitas vezes postergando as discussões acerca das epistemes e práticas profissionais daqui, do Sul Global e América-Latina, reafirmando-as como plano de fundo, vertente ou recorte dentro da Terapia Ocupacional.

Vamos explorar aqui, as Terapias Ocupacionais Sudacas, partindo através das perspectivas de gênero-raça-classe, pelo olhar decolonial, pois, “ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal.” (RIBEIRO, 2020, p. 60).

Logo, na processualidade de pensar em “comos, porquês e por onde” iniciar a ideia de decolonizar nossas práticas enquanto terapeutas ocupacionais latinoamericanas, é fundamental considerar também, modos de afirmações de uma posição política crítica na profissão. Corroborando, para Ochy Curiel (2009, p. 2)

A descolonização para nós é uma posição política que atravessa o pensamento e ação individual e coletiva, nossos imaginários, nossos corpos, nossas sexualidades, nossas formas de agir e estar no mundo e isso cria uma espécie de “maroonage” intelectual, das práticas sociais e da construção de próprio pensamento de acordo com experiências concretas. (CURIEL, 2009, p. 3)

*Então, “seja bem-vinda ao baile sudaca!!!”<sup>37</sup>*

## 5 SOBRE DECOLONIZAR CORPOS-SUJEITAS-SENTIRES

Permeiar os meios e os entres nada lineares da cartografia e vida, é um desafio aceito, mesmo que nesse contexto brasileiro caótico, em meio a crises políticas e sanitárias gravíssimas. Descolonizar, aqui, se trata de como a cartografia está se fazendo neste ir e vir dentro e fora do meu corpo.

Trata-se de um exercício permanente de sensibilidade, de vitalização de corpos e relações, com aproximações e afastamentos que ampliam e redimensionam repertórios pessoais, existenciais e profissionais, para que o corpo amplie sua capacidade de afetação. (LIBERMAN; LIMA. 2015, p. 185).

Criar estratégias de como seguir cartografando de forma sensível e à espreita, tornou-se um desafio diário, à medida que muitas afetações me atravessam - muitas vezes, pela porosidade, de forma violenta - porém, a matéria-prima da cartografia são as marcas feitas em um corpo. (ROLNIK, 1993).

*Sento frente à tela. Puxo uns dois livros da prateleira que está próxima. Sobre o que pretendo falar e iniciar esse capítulo? Ajusto a tela do notebook para visualizar melhor (o quê?). Está tocando Calle 13 - Latinoamérica. Respiro e me foco. Alinho a coluna e o pensamento. (Diário de campo, 2022).*

Você não pode comprar as nuvens

Você não pode comprar as cores

Você não pode comprar minha felicidade

Você não pode comprar minhas dores.<sup>38</sup>

<sup>37</sup>Francisco El Hombre (part. Moral Distraída). Baile Sudaca. **Baile Sudaca**. Disponível em: acesso em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ztvOSztR9Mk&ab\\_channel=Francisco%2CelHombre](https://www.youtube.com/watch?v=ztvOSztR9Mk&ab_channel=Francisco%2CelHombre)>. Acesso em: 19 jul. 2021.

<sup>38</sup>“Tú no puedes comprar las nubes. Tú no puedes comprar los colores. Tú no puedes comprar mi alegría. Tú no puedes comprar mis dolores.” (tradução nossa). Calle 13. Latinoamérica. 2011.

Diante disso, recorro dos meus primeiros passos na UFSM enquanto discente, e nessa relação de memória e movimento, sinto que o pensar sobre a dimensão da Terapia Ocupacional é um tanto. Talvez, por isso, seja melhor falar em terapias ocupacionais. Sempre carreguei esse pensamento e outros semelhantes durante toda a graduação, desde que comecei a compreender melhor as atribuições de “ser terapeuta ocupacional”. Segundo a definição do COFFITO (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional), a Terapia Ocupacional é:

Profissão de nível superior voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psico-motoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos, na atenção básica, média complexidade e alta complexidade.<sup>39</sup>

Em suma, é sobre essa definição profissional que nos debruçamos ao longo do caminhar, com algumas pouquíssimas aberturas que fogem desse modo de pensar, que envolve diversas camadas, dentre elas, o poder. Chimamanda Ngozi Adichie (2009, p.11), em sua obra chamada *O perigo da história única*, diz que “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas, de fazer que ela seja sua história definitiva”. Diante dessa questão disparadora e dobra, que é a definição do COFFITO, me pergunto: quais são os elementos basilares para a construção dessa definição? A partir de que lugar se assemelha ou se considera como referência para essa construção?

Referente às raízes genealógicas mais difundidas no processo de aprendizagem da Terapia Ocupacional, desde a noção Norte Americana, é indubitavelmente notório que “o tratamento moral evidencia o forte liame entre

---

Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8&ab\\_channel=elvecindariocalle13](https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8&ab_channel=elvecindariocalle13)>. Acesso em: 22 jan. 2022.

<sup>39</sup> CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Terapia Ocupacional: definição**. Brasília, 2021. Disponível em: <[https://www.coffito.gov.br/nsite/?page\\_id=3382](https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382)>. Acesso em: 10 jan. 2022.

terapia ocupacional e disciplina” (LIMA, 2021, p. 155) , pois, desde sua emergência enquanto profissão e práticas, datadas logo após da I Guerra Mundial, a Terapia Ocupacional possui caráter reabilitativo. Não é à toa, que

surgiu pautada no humanismo, voltada para a reparação de seres humanos e de sua capacidade para o trabalho, em um século em que o trabalho humano se tornou cada vez mais supérfluo e a própria ideia moderna de homem começou a desaparecer do horizonte. (LIMA, 2021, p. 155).

Ainda no contexto do Norte Global, surge um nome importante na Terapia Ocupacional, apontada como fundadora da profissão. Eleanor Clarke Slagle<sup>40</sup>, mulher nascida em Nova York; e segundo Benetton e Varela (2001, p. 32), foi responsável por demarcar

o espaço da mulher profissional terapeuta ocupacional, através da descrição de uma personalidade a ser plasmada de tal forma a poder ocupar o lugar de terapeuta, e portanto, uma técnica. Por outro lado, desenvolve um programa de Treinamento de Hábitos, que se constituiu como a primeira Técnica de Terapia Ocupacional, que objetivava uma adaptação social de pacientes portadores de distúrbios emocionais e deficiências físicas.

Como visto, Slagle preocupou-se em estabelecer técnicas e métodos, tendo assim, forte influência no que concerne o entendimento atual da Terapia Ocupacional como ciência e profissão da área da saúde. Também, “dedicou parte do seu trabalho em descrever a personalidade ideal de uma terapeuta ocupacional, que correspondia àquela de uma mãe de criança no período escolar: bondade infinita, paciência, imaginação [...]” (BENNETON; VARELA, 2001, p. 32).

Ainda, no contexto norte-americano com a criação da primeira escola profissional em 1917, segundo De Carlo e Bartalotti (2001, p. 27):

Naquela época, as mulheres eram escolhidas para exercer a profissão, pois acreditava-se que suas características maternas fossem muito benéficas no tratamento dos doentes mentais. Foram elas, também, as pioneiras no trabalho com indivíduos incapacitados, recebendo a denominação de “auxiliares de reconstrução”.

---

<sup>40</sup> Para mais informações: BENNETON, J; VARELA, R, C, B. Eleanor Clarke Slagle. In: **Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**. n. 6, 2001.

Não é raro e nem difícil encontrar terapeutas ocupacionais que adotam esse comportamento profissional, lido como maternal - no que se entende como maternal na construção na malha social - reproduzindo suas práticas desde esse lugar, corroborando assim, com uma noção de uma profissional do sexo feminino, cuidadora, mãe, que deve corresponder, também, à este papel social atribuído enquanto mulher - e suas muitas camadas e interseções - no cotidiano.

Outrossim, Slangle foi uma mulher importante no contexto da criação da Hull House, em Chicago, local onde buscava-se formação profissional, política e laboral para as mulheres, muito impulsionado pelo movimento feminista na época, principalmente, mulheres brancas e da elite. “uma vez que mulheres pobres, mulheres negras ou ambas, mulheres pobres imigrantes, sempre trabalharam, de um modo ou de outro, fora de seus espaços domésticos.” (MONZELI; MORRISON; LOPES, 2019, p. 238). Então, é importante salientar que, de acordo com Monzeli, Morrison e Lopes (2019, p. 240):

A história sempre é contada partindo de outro momento histórico e pontos de vista diversos, e, apenas por esta observação, já podemos compreender que as realidades são diferentes, as épocas distintas e as palavras e seus significados também não são necessariamente os mesmos. Por isso, quando elegemos palavras para contar uma história, não apenas descrevemos uma dada realidade, mas criamos e recriamos esta realidade.

Dessa forma, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas, que são incompletos.” (ADICHIE, 2019, p. 13). Porém, o intuito não é gestar ou buscar essa completude, mas, apresentar as dobras e nuances da problemática de apresentar somente uma visão no processo de ensino-aprendizagem. Pois, essa forma única anuncia uma silhueta colonial, segregando e excluindo as perspectivas de fazer terapias ocupacionais desde outro lugar, do nosso lugar, do que faz sentido.

*as mulheres que correm em minhas veias  
me acordaram essa madrugada  
para me avisar que grandioso não é o que me atravessa  
grandioso é eu ainda permitir que coisas elas*

*me devolvam o chão*

(LEÃO, 2019.)<sup>41</sup>

*América Latina - Busco e penso sobre a origem do conceito... quem nos nomeou assim? Latino-americanas? Latinos? (Diário de campo, 2022).*

No contexto brasileiro, é indubitavelmente indispensável citar Yvonne Lara<sup>42</sup>, ou Dona Ivone Lara, como ficou conhecida no mundo da música, enquanto sambista. (JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021) Ainda que caminhará junto à Nise da Silveira, outra mulher pioneira na Terapia Ocupacional no Brasil, Yvonne Lara é pouco considerada enquanto sua trajetória e pioneirismo na profissão.

Assim, contar, recontar, reelaborar e reconstruir as histórias oficiais (colocadas como únicas) se torna um processo essencial para humanizar, reconhecer e reparar a dignidade de sujeitos ou coletivos que foram fundamentais para a consolidação da sociedade, e, no nosso caso, de práticas que dizem da profissão terapia ocupacional. (JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021, p. 4).

Natural de Botafogo, Rio de Janeiro, com grande apreço e amor pela música, Yvonne Lara transitava entre o mundo do samba e suas atuações como profissional de saúde enquanto enfermeira. Porém, um ponto relevante foi que “a escolha pela enfermagem se deu por aquele ser o único curso gratuito e uma oportunidade de mudança da sua realidade socioeconômica.” (JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021, p. 5). Também, após a conclusão do curso, “Yvonne Lara foi contratada para trabalhar no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, permanecendo até se aposentar, em 1977.” (JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021, p. 6).

É neste contexto que Yvonne Lara e Nise da Silveira<sup>43</sup> se encontram, pois Nise compunha a equipe de atuação no Instituto, sendo sua supervisora enquanto médica psiquiatra. Yvonne Lara foi enfermeira, assistente social e especialista em

<sup>41</sup> LEÃO, R. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

<sup>42</sup> Para mais informações: JUNIOR, J. D. M.; FARIAS, M. N.; MARTINS, S. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. In: **Cad. Bras. Ter. Ocup.** n. 29, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF2171>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

<sup>43</sup> Para mais informações: DE CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. Interface: Botucatu, v. 11, n. 22. 2007. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

terapia ocupacional (SCHEFFER, 2016), pois na década de 40, cursou o “Curso elementar de terapêutica ocupacional”, oferecido por Nise da Silveira. Ademais, o papel de Yvonne foi fundamental para se pensar o cuidado interdisciplinar em saúde mental, pois Yvonne e Nise fundaram o Serviço de Terapêutica Ocupacional em 1946. (PARANHOS, 2018).



Imagem retirada do site de Taís Paranhos (2018), mostrando a equipe que compunha o Serviço de Terapêutica Ocupacional. Em destaque, Yvonne Lara.

Logo, Yvonne Lara, mulher negra e precursora na luta do movimento antimanicomial, deixou um legado imensurável na Terapia Ocupacional, à medida que se engajou durante pouco mais de três décadas de sua vida, contra tratamentos degradantes na saúde mental, como os eletrochoques; e a favor de tratamentos onde o sujeito fosse acolhido em sua subjetividade e história de vida. Sendo assim, “foi uma profissional que reconheceu a importância do uso das atividades, vinculando-as às expressões artísticas, recreativas e culturais.” (JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021, p. 8) contribuindo para a historicidade, formação e movências da Terapia Ocupacional no Brasil.

*Nos lugares onde fui  
Sou a razão da alegria  
Quem sabe amar traz a luz  
O sonho e a fantasia.<sup>44</sup>*

É importante anunciar também, que outros aspectos corroboram para que a “história única” continue sendo difundida e lida como A possibilidade. Aspectos intercessores como raça/gênero/sexualidade são questões fundamentais para que a ampliação do conhecimento e epistemicídio ocorram de forma pontual e historicamente. Nesse sentido, Grosfoguel (2016, p. 25) discute que

essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo.

*“De quais homens estamos falando? A norma patriarcal é branca, cis e heterossexual.” (Diário de campo, 2022).*

A partir das discussões já apresentadas, entendendo a Terapia Ocupacional como uma profissão que em seus pilares a questão de gênero e sexo está fortemente presente na construção histórica, reverberando nos corpos políticos da atualidade. Até que ponto o conhecimento da profissão é legitimado enquanto prática profissional? Nesse viés cartesiano de separação de especialidades de atuação, uma abordagem possui mais valor que outra? Quais os pontos de partida para se pensar essa hierarquia no fazer TO?

Infelizmente, é notório que as abordagens, onde o padrão biomédico e medicamentoso de cuidado estão mais presentes, são mais “bem vistas”, aceitas e valorizadas, em comparação à abordagens que situam-se desde um lugar do não saber, do que não é dado, do que é construído no caminhar junto às pessoas - como a própria decolonialidade.

---

<sup>44</sup> Dona Ivone Lara. **Nos combates desta vida**. 1985. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kRln77PKng&ab\\_channel=MoacirSimpatia](https://www.youtube.com/watch?v=kRln77PKng&ab_channel=MoacirSimpatia)>. Acesso em: 28 jan. 2022.



É visto com naturalidade nos debruçarmos nos estudos da Terapia Ocupacional desde a lógica do Norte, estadunidense, mas, e se essa trajetória de ensino-aprendizagem se inicia desde perspectivas daqui, do Sul Global, do Brasil, mostrando os fluxos de outras direções?... Chimamanda Ngozi Adichie (2009, p. 12), mesmo em contexto norte americano, convoca-nos a pensar quando fala: “Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente.” Pois, corroborando com Junior, Farias e Martins (2021, p. 2):

A desqualificação do conhecimento e o quadro de injustiça cognitiva experimentados pelos corpos políticos e geopolíticos dos sujeitos coloniais, mulçumanos e judeus, povos nativos, africanos escravizados e mulheres europeias queimadas acusadas de bruxaria, configuraram a naturalização do privilégio e da inferioridade epistêmica a partir da tradição do pensamento ocidental masculino.

*Lembrar: Não fazer da nossa profissão e de todo nosso arcabouço de conhecimento adquirido e trocado, mais uma forma de ferramenta de controle social. (Diário de campo, 2022).*

## 5.1 ESCRITA COMO PONTO DE FORÇA

*Hoje é dia 25 de julho de 2021, e desde 1992, dia Internacional Da Mulher Negra, Latina e Caribenha. Também é dia de Teresa de Banguela, grande símbolo de resistência por libertar negros e indígenas no século XVIII. Hoje o sentimento é de carinho, respeito, luto e luta. Não sei se há algo para se comemorar. Mas, eu comemoro escrevendo sobre o que me afeta, o que me faz sentir e pulsar. A escrita tem esse poder. Por isso, é importante lembrar que somos mulher-semente, mulher-terra, obinrin<sup>45</sup> que é o portal da vida humana. (Diário de campo, 2021).*

---

<sup>45</sup> Termo iorubá que expressa uma posição na relação de procriação na sociedade. Diferente da percepção ocidental, *obinrin* não deve ser traduzido para “mulher”, pois não se refere a categorias de gênero que denotam privilégios e desvantagens sociais. (OYÊWÙMÍ, 2021, p. 73). Logo, indica apenas diferenças anatômicas e fisiológicas do corpo humano, pois os nomes iorúbas não tem especificidade de gêneros. (OYÊWÙMÍ, 2021, p. 63).

Entre a imersão dos pensamentos, muita coisa se tece na imanência, muita coisa tem movido o meu desejo de seguir essas escritas, mas tem sido difícil. Lendo alguns trechos de Foucault, deparo-me com a seguinte frase: “Escrever, é portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro.” (FOUCAULT, 1983, p. 156). Qual fragilidade própria, eu não quero e não permito expor? Que parte do “eu” se agencia em prol dessa armadura de proteção?

“Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?” (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Diante disso, sigo. Sigo pensando sobre a importância de dias assim, de não conseguir expressar em palavras sentimentos que atravessam meu espírito. É um dia atípico, de lua cheia, e lá fora tem uma chuva calma, mas, venta. Olho pela janela para conferir se nada precisa ser salvo das gotas que caem, como uma roupa pendurada no varal há quase uma semana. Nesse momento, um pássaro se esconde da chuva, voando até a casinha mais próxima que eu fiz para eles, e que deixei na lavanderia.

Esse relato me recordou Carolina Maria de Jesus, potente escritora negra da periferia. Talvez seja isso que me falta, tirar aos poucos a roupagem acadêmica que me pesa os ombros. Sinto o peito quente ao ler Carolina: “Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu, sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender.” (DE JESUS, 1960, p. 9). Espero passar essa sensação sutil e real com os meus escritos para você também, leitora(o).

Num instante, a chave girou e encaixou. A escrita é a minha criatividade nua, é a exploração pelos olhares, sensibilidade aos cheiros, ritmos, gestos... E, só é possível a partir do presente. É possível. É sobre dar língua para afetos que pedem passagem (ROLNIK, 2007). Então, finalizo com um grito de revolta, dando abertura ao plano de afetos, no desate dos nós. Dos meus nós!

“A mulher do terceiro mundo se revolta: Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas

carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios.” (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

Nesse momento estou sentada no chão, em cima de um cobertor, com o notebook sobre o colo. Faz frio nos últimos dias, por isso, estou quase fundindo meu corpo com as chamas da lareira. Eu gosto do elemento fogo e do que ele representa - transmutação - e têm sido este, a minha inspiração para sentar e escrever mais frouxo.

Percebo que, ao seguir algumas pistas importantes no processo de cartografar, fiquei presa em uma delas. A partir daí, não tive a destreza de seguir captando pistas outras, elementos outros, o entre nas relações extremamente potentes - hoje reconheço isso - que me aconteciam. Porém, retomando a questão da captura, apresentada na cena descrita na mobilização do dia 29 de maio de 2021, decidi me movimentar desde aí, e penetrar um espaço mais profundo, cavando, destrinchando formas que, até então, eram pensadas como dadas para mim. Mas como? Procuo sentir essas micropercepções... Estão em relação com o imperceptível, os movimentos “da ordem do devir, puros afetos que se inscrevem nos limiares da percepção.” (LIBERMAN; LIMA. 2015, p. 188).

Ao acessarem estados e acontecimentos que ainda não podem ser nomeados, esses atos refletem-se numa linguagem não verbal, apta a lançar e captar forças, sinais ínfimos, quase invisíveis. Trata-se de uma linguagem das percepções sutis que procuram seu caminho para a expressão. (LIBERMAN; LIMA. 2015, p. 188).

Sinto que preciso me apoiar em leituras para compreender melhor como essa processualidade está se dando, à medida que constrói e desconstrói a minha subjetividade no decorrer do tempo - que parece dilatar cada vez que escrevo -

Trata-se do encontro com o outro em sua alteridade, e as perturbações provocadas por esse outro como presença viva em mim, a partir da permeabilidade, disponibilidade e da possibilidade de suportar as turbulências produzidas, de engendrar novos modos que pedem passagem, expressão e invenção. (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185).

Uma colega no grupo de orientação, fala: “Sinto, logo existo”. É sobre esse plano de acontecimentos e sentimentos que tento flutuar, adentrar e permanecer em movimento.

Por onde começar? Talvez seja mais interessante questionar: o que me afeta agora? Pois bem, revisitando meus textos e escrituras mais antigas, alguns trechos me chamam a atenção em meio à tanta bagunça: *“Fazer do nosso cotidiano, um devir revolucionário... O combate está no nosso modo de viver, analisando nossas cumplicidades, não contra, mas ENTRE a teia cotidiana.”* (Diário de campo, 2022).

Dito isso, quando reconheço o meu comportamento e pensamento racista, eu evito de tornar-me cúmplice do que se chama na esquizoanálise, de segunda captura do desejo - nós nos tornamos cúmplices quando investimos em um modo de agir, de se vestir, que vai nos devolver o direito à existência e empoderamento. Não há somente opressão aqui, há um investimento do desejo que jamais abandona o campo social - então, nos fazem sujeitos de conhecimento, competentes, que produz verdades que interessam à máquina social. Nos encontramos assujeitados do próprio desejo de desejar, para simplesmente ser valorizado socialmente, reconhecido e recompensado, rotulada como guerreira (exaustão), empoderada (sofrendo), eficiente, PADRÃO.

Tudo isso não ocorre de forma tão simples, trata-se aqui de campos de forças que produzem ideias e formas de pensar e subjetivar. Encontro mais uma anotação, dessa vez do Fuganti (2021), professor do curso de esquizoanálise que participei, onde diz: “o real tem mais nuances do que o dialético nos faz crer.” (anotações no diário de campo, 2022). Penso nisso por alguns minutos, recordo dos aprendizados, dentre eles, é que a fonte de qualquer potência está no relacional das relações... Como abraçar a ideia nesse trecho?

É aqui que a escrita dilata o tempo ainda mais, não tenho real noção do quanto, e convoco uma pista que talvez seja possível pensar com e a partir dela, dessa não-noção-do-tempo. De fato, somos seres de tempo, portanto, somos potência em ato e essa capacidade e potencialidade de existir varia de acordo com os encontros que temos, sejam alegres ou tristes, dessa forma, estamos a todo momento nos preenchendo de existência no plano dos afetos, à medida que a ação

em si é geradora. Logo, para superar isso, preciso fazer do acontecido um produto que dá mais potência de acontecer, de produzir e de pensar.

*Respiro profundamente. Alongo meu corpo.*

*Saio correndo para procurar minhas anotações, em algum lugar eu vou encontrar esse conceito que vai me explicar tudo que eu preciso saber!!! Eu sei, eu também ri de canto quando essa ideia me veio à cabeça. (Diário de campo, 2022).*

Essas foram minhas últimas palavras digitadas antes de literalmente sair correndo na procura dos cadernos, livros, qualquer coisa... De encontrar, pensar e dormir para arejar as ideias. Se tem algo que aprendi sobre o tempo no cartografar, é que essa relação é outra, e que muitas vezes o “deixar de molho” é mais que necessário.

## **6 JORNADA DO 0 - GESTANDO CONSIDERAÇÕES**

Escutei algo precioso um dia desses, sobre o cartografar, que me fez um sentido imenso. Muitos momentos desse processo podem ser dolorosos, porque o que ocorre de fato é um desmanchamento de ideias da cartógrafa, pouco a pouco, a passos lentos - ou é o que parece - que nos atravessa avassaladoramente. Isso acontece aqui, dia após dia.

Como já relatei por aqui, sinto que o tempo passou e passa de uma forma diferente, parece dilatar a cada momento que sento e me disponho a escrever. É sobre escrever com presença. Refazer uma releitura de si mesma em muitas formas. Há muitas reverberações aqui dentro.

Retomando. Esse desmanchamento do eu me faz rever quem eu fui e sou, para além dos meus empasses como pesquisadora, mas como mulher que desde muito cedo se entende como militante feminista, caminhando junto ao feminismo hegemônico europeu, até o dia que não me serviu mais e, mesmo assim, eu o segui e o defendi. Fuganti (2021) trouxe-me inspirações em um curso que participei, no

qual ele mediou, ao dizer que “ser de esquerda é estar constante devir, e estes não devem ser universalizados, pois, tornam-se devires reativos”.

Agora - nesse dia e nesse horário, a minha versão é essa - analisando de maneira mais intensa e madura o que passou e o que faço no presente, há maneiras de não sermos cúmplices desse sistema perverso? Sinceramente, acredito que sim. Porém, não adianta perseguir a passos largos, na ansiedade de encontrar uma resposta rápida. Talvez essa resposta nem exista.

Cada vez mais, entendo meu corpo como mais uma das milhares de dobras do Universo. Eu também sou universo e natureza, portanto, quando falamos em mudar e ressignificar o mundo, começamos pelo corpo que habitamos. Não é fácil manter e carregar essa compreensão de si no cotidiano, que nos cobra a cada segundo pela produtividade, silenciando qualquer microcosmos que difere do ideal, do padrão. Mas, o que é o padrão, ou o ideal do padrão?

Fuganti (2021) menciona o ideal como algo que não tem realidade na existência, é um modelo daquilo idêntico a si mesmo, em forma de limite do impotente. Consequentemente, toda a insuficiência de ser, anda de mãos dadas com essa falta que jamais será suprida. Em suma, isso significa pra mim, o real que se busca e vende em todos os cantos do mundo. Há ideais padronizados diferentes, e por ser idêntico a si mesmo, pode ser universal.

E as pessoas que não querem atingir esse ideal sem realidade? Os sistemas de poder criam um instrumento para enquadrar esse fora, a multiplicidade (o que está dentro e fora de cada um), e enquanto o ideal cria distância do real, quanto mais próximo deste os sujeitos se mostram, mais valorizados são. Quanto mais distantes do ideal, mais julgado e desprezado será.

Em contraponto, se o ideal é inexistente na realidade, então a multiplicidade, as diferenças são as realidades? Ainda dialogando com Fuganti (2021), aquele que afirma a própria diferença é enquadrado de forma a não ter natureza ativa de atender aquele que carece de preenchimento; o diferente não tem lugar, não é visto, muito menos percebido, pois, o ideal e o diferente não coincidem - não há espaço na superfície dos encontros para essa dualidade - à medida que há julgamento em toda e qualquer diferença.

O mais possível de pensar nesse momento, é que: quem afirma a própria diferença é o modo ativo da existência, implicando a afirmação que invoca o diferencial na existência e a não subordinação à um ideal. Aos olhos de um sistema regido pelo idealismo, do lado “bom” da moralidade, a não assujeitada é “má”, histórica e louca. De fato, o diferente é historicamente denominado - e dominado - como louco.

Pensando nessa perspectiva, é inevitável a analogia com o arquétipo do número 0 ou 21 das cartas de tarot, pois, são vivências que me atravessam a alma - cortando.

Brevemente, o tarot é composto por 22 arcanos maiores, uma espécie de conjunto de “cartas principais” pois possibilitam uma leitura eficaz e pertinente do que se deseja. Também, o tarot é uma ferramenta de autoconhecimento potente, à medida que propicia a criação de novas realidades possíveis. O que mais me agrada historicamente, é que ninguém sabe realmente de onde se originou, quem começou de fato utilizar essa ferramenta. O tarot somente existe porque é.

Essa carta representa o número 0 porque pode ser o início de uma jornada arquetípica. Mas também pode representar o número 21, porque pode findar essa jornada e encerrar um ciclo arquetípico. O nome deste, é “O Louco”. O Louco carrega um simbolismo arquétipo sim, mas principalmente político. Na imagem que o representa, aparecem cores vívidas, um homem aparentemente saltando e alegre, carregando consigo apenas uma trouxa amarrada em um cabo que carrega sobre seu ombro; seu braço livre permanece esticado, seu dedo indicador aponta algo no horizonte, algo que o entusiasma.

Algo que o entusiasma, que me entusiasma. Penso em escrever sobre “O Louco” em um momento da cartografia que entendo um novo campo de possibilidades até então intocadas, abre-se. Começo a perceber algumas nuances que até então não tive o prazer e nem o interesse de explorá-las. Muitas questões estão em movimento, continuamente e rapidamente.

*Respirar*

*Relaxar*

*e voltar*

É noite de lua crescente, olho para o céu enquanto tomo um gole de chá para enfim sentar e dedilhar no teclado. Sinto a inspiração tomar conta, e juntamente com o 0/21 do “O Louco”, onde ele apenas é se (re)descobre, tateando novos solos, explorando mundos pela vivência de cosmopercepções<sup>46</sup> distintas, tudo isso, à medida que é taxado e rotulado em apenas uma palavra - LOUCA - relembro uma frase dita em um grupo de estudos: raça não é um recorte na pesquisa, é o ponto de partida.

Quando ouvi essa frase, senti uma sensação que não sei nomear, mas, entendi o que fez borbulhar - outros pontos de partidas esperam para serem vistos nesse cartografar.

Dito isso, em encontro com escritas de Oyěwùmí (2021): devemos reconhecer que as teorias não são ferramentas mecânicas, elas nos afetam (e alguém dirá, determinam) como pensamos, sobre quem pensamos, o que pensamos e quem pensa conosco. Enfim, costuro com outras percepções que

dizendo de outro modo: escrevendo sobre qualquer sociedade por meio de uma abordagem de gênero, quem investiga necessariamente escreve o gênero nessa sociedade. O gênero, como a beleza, está frequentemente nos olhos de quem vê. (Oyěwùmí, 2021, p. 23).

*E agora? Será o fim ou início de outros processos e percursos? Recordo: a processualidade não é linear. É 0 e 21 simultaneamente. (Diário de campo, 2022).*

Diante disso, retomando a questão inicial desse corpo cartográfico: Que lugar de fala temos como terapeutas ocupacionais? Como falar o que são Terapias Ocupacionais diante de uma sociedade misógina, colonizada, racista e que não nos ouve? Penso que essa pesquisa seja uma dobra e direção importantes para iniciar essas falas, deslocando um lugar que historicamente a profissão foi estigmatizada.

Por fim, sinto que referir ao "O Louco" é concomitante à pensar em Dona Ivone Lara, ou Yvonne Lara. “O Louco” enquanto arquétipo no tarot, em parte, trás

---

<sup>46</sup> Em oposição do conceito eurocêntrico da “cosmovisão”, a cosmopercepção pauta maneiras mais inclusivas de perceber o mundo, a partir de outros sentidos. O termo é referenciado por Oyèrónkè Oyěwùmí, pesquisadora feminista nigeriana, em seu livro: a invenção das mulheres, construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero.



mensagens de renovação, de busca pelo novo, por alimentos de alma. Yvonne Lara alimentou a alma da Terapia Ocupacional, mas porquê é e segue sendo, tão invisibilizada? Entendendo que os campos estão sempre em disputas, que as narrativas são produzidas e produzem coisas... A quem interessa essa invisibilidade? Qual a nossa responsabilidade nessa produção de visibilidades e invisibilidades? Quantas terapeutas ocupacionais negras e negros você conhece, estuda, aprecia? Quais estratégias enquanto corpo acadêmico e profissional, podemos tomar para coletivizar sambando e sorrindo, as muitas Terapias Ocupacionais do Sul Global, América Latina e Brasil?

“O convite é assumir uma TO Outra, uma TO militante, com base em uma ética de alteridade excluída, uma ética de libertação [...]” (CÓRDOBA, 2020, p. 1379).

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, cap 7, p. 131-150, 2009.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Rev. Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <Revista Estudos Feministas (ufsc.br)>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editoria Jandaíra, 151 p.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. (org). Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, cap 3, p. 52-75, 2009.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo I**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 309 p.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 500 p.
- BOAVENTURA, S. S. de.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. 518 p.
- BORRUSO, M. M. Entre lo local y lo global. Los muxes en el siglo XXI. In: **XIV Encontro de latino-americanos espanhóis: congresso internacional**. Santiago de Compostela, Espanha, 2010, p. 2447-2464. Disponível em: <halshs-00532560>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 285 p.
- CÓRDOBA, G. A. Sobre as novas formas de colonização em terapia ocupacional. Reflexões sobre a ideia de justiça do trabalho na perspectiva de uma filosofia política crítica. In: **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 28, n. 4, p. 1365-1381. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2175>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (orgs). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Editora Plexus, 2001. 181 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 92 p.

ESPAÑHOLA, Real Academia. **Diccionario da Língua Espanhola**. 13. ed. Espanha, 2014. Disponível em: <sudamericano, sudamericana | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE>. Acesso em: 30 dez. 2020.

FERREIRA, S. R. da S. A respeito da categoria (trans/cis) gênero: a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória. In: **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 3, p. 355–380, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27576. Disponível em: <[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27576](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27576)>. Acesso em: 24 fev. 2022.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In: **Rev. Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan/abr, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** v. 16, jan/abr, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

JUNIOR, J. D. L.; FARIAS, M. N.; MARTINS, S. Dona Ivone Lara e Terapia Ocupacional: o devir-negro da história da profissão. In: **Cad. Bras. Ter. Ocup**, n. 29, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF2171>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

KASTRUP, V. (org). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, cap 2, p. 32-52, 2009.

KILOMBA, G. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. In: **Rev. Interface**, v. 19, n. 52, p. 183-193, jan/mar, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0284>>. Acesso em: 16 out. 2021.

LIMA, E. M. F. A. Terapia Ocupacional: uma profissão feminina ou feminista? In: **Saúde em Debate**, v. 45, n. 1, p. 154-167. out 2021. Disponível em: <DOI: 10.1590/0103-11042021E112>. Acesso em: 10 dez. 2021.

LUGONES, M. Colonialidad y género. In: **Rev. Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 57-72, 2008. Disponível em: <DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.340>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

MONZELI, G. A.; MORRISON, R.; LOPES, R. E. Histórias da terapia ocupacional na América Latina: a primeira década de criação dos programas de formação

profissional. In: **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 235-250. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1631>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

OYEWÙMI, O. **A Invenção das Mulheres: Fazendo um Sentido Africano dos Discursos de Gênero Ocidental**. Universidade de Minnesota Press, 1997. Disponível em: <[JSTOR, www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttt0vh](https://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttt0vh)>. Acesso em: 2 jan. 2021.

PARANHOS, T. **Dona Ivone Lara: muito além do samba**. 2018. Disponível em: <<https://www.taisparanhos.com.br/2018/04/dona-ivone-lara-muito-alem-do-samba.html>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, cap 1, p. 17-32, 2009.

PICHARDO, O. C. Hacia la construcción de un feminismo descolonizado. In: MIÑOSO, Y. E. (coord). **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**, v. 1. Buenos Aires: El la frontera, p 325-334, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade de Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais. 2005, p. 117-142. Disponível em: <[12\\_Quijano.pdf \(clacso.org.ar\)](#)>. Acesso em: 15 dez. 2020.

QUINTERO, P.; FIGUEIRA, P.; ELIZARDE, P. C. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. MASP: São Paulo, 2019. 12 p. Disponível em: <<https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Editoria Jandaíra, 2020. 111 p.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cad. Subj.** v. 2, n. 1, p. 241-51. 1993. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SAINI, A. **Inferior é o caralho**. São Paulo: Darkside Books, 2018. 320 p.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 232 p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 88 p.

SCHEFFER, G. Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. In: **Serv. Soc. Soc.** São Paulo, n. 127, p. 476-495, set/dez, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.081>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

VIEIRA, H. **Introdução ao feminismo decolonial**. Disponível em: <(893) Aula Introdução ao Feminismo Decolonial com Helena Vieira - YouTube>. Acesso em: 10 dez. 2020. Youtube Canal.

VIEZZER, M. **Testimonio de Domitila: una mujer de las minas de Bolivia**. 5. ed. Espanha: Siglo XXI, 2005. 189 p.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991. 136 p.